

# REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Grandeza e responsabilidade do Professor

*Alocução de S.S. João XXIII aos Professores de Ensino Secundário* 321

A cooperação apostólica Canadá-América Latina

*Carta Pastoral Coletiva do Episcopado Canadense* ..... 327

A missão do Capelão na Comunidade Religiosa

*Dr. Pe. Heriberto Bolkowski S.V.D.* ..... 335

Vocações Religiosas Femininas

*Pe. Belchior Cornelio da Silva C.M.* ..... 347

Em crise a educação religiosa moderna?

*Pe. Otorino Fantin S.D.B.* ..... 351

“O Sentido da vida”

*Pe. Bertrand de Margerie S.J.* ..... 357

A importância do Jardim de Infância no sistema escolar católico

*Mons. Timothy F. O'Leary, Ph. D.* ..... 371

Vida Familiar

*Departamento de Serviço e Assistência Social* ..... 373

A C.R.B. declarada de utilidade pública ..... 377

Correspondência das Secções Estaduais ..... 379

Crônica dos Religiosos ..... 380

Comunicações ..... 382

Bibliografia ..... 384

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Av. Rio Branco, 131 - 9.º andar — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Antônio Semin (Frei Amadeu de Caxias OFM Cap.)

## GRANDEZA E RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR

**Alocução do Santo Padre João XXIII à União Católica Italiana de Professores de Ensino Secundário (19 de março de 1960) (1)**

Vossa presença traz a Nossa alma grande satisfação e sentimo. Nos alegre de poder exprimir-vos Nossas cordiais boas vindas, diletos filhos e filhas, pertencentes à União Italiana de Professôres de Ensino Secundário.

Celebrando em Roma o VII Congresso Nacional, convocado por vossa benemérita União, viestes trazer. Nos vossa saudação afetuosa e ouvir Nossa Palavra. De coração vos agradecemos.

Há anos segu's um plano de trabalho vasto, esmerado e inteligente, para uma sempre mais adequada formação intelectual, moral, cívica e didática dos professôres católicos do ensino médio italiano. Para esta elevada finalidade tendem as múltiplas obras que vossa União empreende por uma intervenção ativa e sutil, cuidadosa e oportuna, obtendo frutos consoladores. O próprio tema do atual Congresso exprime claramente a intenção e a finalidade de vossa Associação: só com o falar de "Preparação, adaptação, autogoverno didático e formação espiritual dos professôres do ensino secundário italiano", já foram ventilados os principais problemas de vossa profissão, para torná-la sempre mais proveitosa, para o próprio bem daqueles aos quais se dirige.

Com tudo isso Nos alegramos, desejando ao mesmo tempo que os melhores resultados floresçam dêstes dias de estudo. Eis alguns pensamentos, frutos de reflexão, sôbre a nobreza de vossa missão a fim de que, com a graça de Deus, possam servir de estímulo no cumprimento de vosso dever quotidiano.

### **A educação dos adolescentes, "arte das artes"**

A grandeza, assim como a responsabilidade do trabalho, frequentemente escondido, ao qual vos dedicais, mostra-se sobretudo quando se considera o sujeito a quem se dirige. É o adolescente que vos é confiado e que plasmatis no decorrer dos anos decisivos para seu futuro. Vem a vós como uma flôr ainda em botão e, sob vossos olhos que o seguem com delicada atenção, transforma-se cada dia de modo surpreendente. Tem seus problemas, suas exigências, suas características próprias da

1) "Oss. Rom", supl. dom., 28-3-60

idade em evolução e tôdas reclamam urgentemente uma resposta, seja do ponto de vista espiritual e religioso, seja do ponto de vista mental, afetivo, psicológico. Cada aluno tem sua fisionomia particular, que requer uma constante adaptação de métodos ao caráter próprio de cada um, e por isso a obra educativa encontra dificuldades sempre novas.

A complexidade dêstes problemas que aqui apenas queremos mencionar — porque já foram tratados com paternal solicitude nos documentos e discursos fundamentais de Nosso Predecessor — salienta com grande relêvo a grave responsabilidade do professor; e se isto é verdade para todo mestre, tanto mais para vós, queridos filhos e filhas, que acolheis o adolescente na idade mais preciosa, porque mais sensível e dúctil, e o tendes sob vossa guarda no período crítico de sua formação. Se a educação dos jovens foi chamada “a arte das artes” — “ars artium” — conforme a feliz expressão de São Gregório Nazianzeno (Or. II, “Apologética”; MG 35, 425) retomada por Nosso Predecessor São Gregório Magno (“Reg. past.”, I, 1; ML 77, 14), qual não será a grandeza e a responsabilidade daqueles que, possuindo esta arte e exercendo-a com perfeita perícia, devem preparar os homens de amanhã?

Este ideal, como enèrgicamente declarou Pio XII de venerável memória, “visa plasmar ainda aqui na terra homens perfeitos por sua cultura intelectual, moral, científica, social, artística, segundo as condições, os hábitos, as legítimas aspirações de cada um, de modo que nenhum dêles se torne um inútil ou um incapaz, e, de outra parte, ninguém veja fechado diante de seus passos o caminho que conduz às alturas; tarefa magnífica e santa, que nos educadores, juntamente com o dom do bom senso e do tacto, requer a arte de dobrar e de adaptar seu ensino à inteligência e à capacidade dos adolescentes, e supõe sobretudo dedicação, amor e, na medida de suas forças, um santo entusiasmo, que desperte o interêsse espontâneo dos alunos e estimule seu ardor pelo trabalho” (Alocução aos Mestres e Alunos das Escolas Pias, 22 de nov. de 1948 — “Discorsi e Radiomessaggi”, X, pp. 286-287).

### O trabalho do educador é uma verdadeira missão

A extensão e delicadeza de tal dever elevam-no à dignidade de uma verdadeira missão, a que se é chamado como por uma vocação sagrada, antes que por qualquer outra aspiração, embora legítima, de caráter profissional ou econômico. Vocação que exige um contínuo aperfeiçoamento interior e uma aquisição ininterrupta de todos os dotes, também pedagógicos e científicos, sem os quais é ineficaz e efêmero qualquer ensinamento embora brilhante. Por êsse motivo alegramo-Nos pelo extenso plano de estudo com que o atual Congresso considerou os aspectos de vossa formação, desde a importantíssima fase da preparação universitária até descer aos pormenores dos deveres especiais, requeridos pelos novos horizontes que se abrem para a escola atual. Tais esforços

para o aperfeiçoamento sempre maior dos Professôres de ensino secundário, são dignos de todo respeito e paternalmente os encorajamos com 'Nossas bênçãos.

A vocação ao ensino, ao lado das alegrias puríssimas que assegura àqueles que a êle se dedicam, tem também severas exigências que abrangem todos os aspectos da personalidade do professor. Estas se mostram, antes de tudo, em um plano geral, e são além disso determinadas pelos respectivos deveres que o próprio mestre encontra em face de si mesmo, de seus alunos, da família dêstes e da sociedade.

### Uma formação cristã firme e segura

Como base geral para um boa formação do educador — de todo educador católico — põe-se em primeiro lugar a absoluta necessidade de uma formação cristã sólida e segura que, como o coração que pulsa invisivelmente, confira fôrça de convicção e brilho de exemplo a tôda a vida do professor.

Cada cristão tem, com efeito, o dever de considerar a própria missão antes de tudo à luz sobrenatural, e de preparar-se para cumprí-la com superabundância de virtudes pessoais. Ora, tratando-se para vós, como dissemos, duma missão especialíssima, que vos constitui Nossos "colaboradores diretos nesta obra que é de Deus e da Igreja" (Pio XII ao II Congresso Nacional da UCIIM, 4 de setembro de 1949, "Discorsi e Radiomessaggi", XI, p. 196), tal obrigação se manifesta com uma urgência particular, porque não transmitis apenas um frio ensinamento de determinada matéria, mas, por meio dêste, formais e plasmiais a alma do adolescente. Não se pode dar o que não se possui e não formamos os homens para a vida cristã, se não temos em abundância aquelas qualidades que são as únicas a tornarem a vida bela e digna de ser vivida. Tendes necessidade de uma visão sobrenatural que vos faça penetrar sempre mais a fundo na grandeza e dignidade de vosso trabalho, considerado como precioso auxílio da obra do Cristo, da Igreja e da família na educação da alma juvenil; necessitais também das boas e caras virtudes cristãs, que vos incluem ordenadamente no organismo social da Igreja: as virtudes teologais da fé, da esperança e da caridade; as virtudes cardeais da prudência, da justiça, da fortaleza e da temperança. Mas sobretudo — repetimos — vos é necessária a participação consciente e fervorosa na verdadeira vida sobrenatural, mediante os sacramentos e particularmente a Santíssima Eucaristia, que fortifica a alma e a dispõe a uma doação sempre maior.

### Deveres para consigo mesmo

Desta base comum deriva cada um dos deveres que determinam esta santa profissão: antes de tudo, deveres para consigo mesmo, na prática decidida do que expusemos rapidamente, para se tornarem sempre

mais aptos a esta gravíssima missão; por conseguinte, o aprofundamento contínuo do patrimônio cultural, psicológico, didático, próprio a cada um, para um conhecimento completo da personalidade juvenil e de seus problemas; a aquisição de um profundo espírito de sacrifício, que faça considerar a profissão como uma entrega àqueles aos quais Jesus mesmo quis identificar-se, segundo suas palavras: "Quem recebe em meu nome um menino como êste, é a Mim que recebe" (Mt 18,5), e como um serviço entre os mais preciosos, imitando o Senhor que "não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida para a redenção de muitos" (Mt 20, 28).

### **Deveres para com o aluno: boas relações e exemplo**

Há em seguida os deveres em relação ao discípulo, tão graves e cheios de responsabilidade como os pessoais, que se referem ao principal sujeito da educação. Êstes se resumem no dever de criar uma boa relação com o adolescente; antes de tudo, o respeito cheio de delicadeza e de caridade, que o aluno merece, como criatura feita à imagem de Deus e em evolução, e que mesmo os autores pagãos reconheceram abertamente, conforme a bela e conhecida máxima de Juvenal: "Maxima debetur puero reverentia" (Sat. 14, 47). Êste respeito nasce do reconhecimento de seu valor pessoal e especialmente de seu fim sobrenatural que também na escola, como em toda a vida humana, deve ser tido em consideração, se não se quiser caminhar fora da ordem estabelecida por Deus.

Para criar esta relação equilibrada contribui todo o conjunto das atividades escolares, que não significam uma imposição de noções feita de fora e do alto, mas uma procura amorosa, feita com entusiasmo e paciência de ambas as partes, das verdades e belezas da vida e da cultura, da ciência e da literatura, da história e dos costumes dos povos, solicitando a atividade e a colaboração do adolescente; tratando-o com benevolência, compreensão, justiça e misericórdia, para o desenvolvimento harmonioso dos valores afetivos, juntamente com os intelectuais. Mas tôdas estas relações adquirem uma importância e um valor particulares pela força do exemplo que deve continuamente irradiar o educador, para edificar, corroborar, dirigir os jovens no caminho reto da vida. Se faltar o exemplo, a educação dispensada torna-se como sem alma; e êsse exemplo é tanto mais necessário, se se considera que o estudante do curso secundário se encontra numa idade delicada e mais facilmente exposta a sofrer a influência determinante das coisas vistas e ouvidas.

### **Deveres para com os pais e a sociedade civil**

Finalmente o professor estabelece também com as famílias de seus alunos contactos importantes e fecundos que, como já observamos

falando, a 5 de setembro do ano passado, à Associação dos Mestres católicos, “podem ir além de simples relação escolar, para tornar-se um influxo benéfico de testemunho cristão convicto” (A.A.S., LI, p. 705). Há ainda graves responsabilidades nas relações com a sociedade civil, porque, preparando os jovens para a vida profissional e social, lhes ensina como se honra a Igreja e a Pátria; e também como de sua oculta mas preciosa contribuição depende a felicidade e a segurança de seu futuro, apoiada sobre a reta e sadia formação religiosa, intelectual e moral das novas gerações.

### São os bons professores que fazem as boas escolas

Oh! que quadro se apresenta diante de Nossos olhos ao delinear, embora resumidamente, a grandeza e a responsabilidade do professor! Vêde a que obra vos chama o Senhor. Continua-se a falar e de muitos lados exige-se um funcionamento mais correto e pleno da escola. Não se deve pois esquecer o que já observava Nosso Predecessor Pio XI de veneranda memória em sua Encíclica fundamental “Divini illius Magistri”; isto é, que “as boas escolas são fruto não tanto dos bons regulamentos quanto principalmente dos bons mestres que, egrègiamente preparados e instruídos, cada um na disciplina que deve ensinar, e providos de todas as qualidades intelectuais e morais requeridas por seu importantíssimo ofício, ardem de amor puro e divino para com os jovens que lhes são confiados, justamente porque amam a Jesus Cristo e Sua Igreja, da qual são filhos prediletos, e por isto mesmo desejam sinceramente o verdadeiro bem das famílias e da pátria” (A.A.S., XXII (1930), pp. 80-81).

Caminhai com alegre e generosa dedicação no caminho luminoso que vos foi traçado, queridos filhos e filhas; as dificuldades que não faltam poderão às vezes ofuscar a vossos olhos o nobre ideal que vos foi proposto. Mas a força e a graça do Senhor ajudar-vos-ão a superar todo cansaço e todo desânimo.

Na figura sublime e paciente de Jesus, Divino Mestre o Bom Pastor, encontrareis o mais elevado e completo modelo para vossa atividade quotidiana: fixai portanto sobre Ele os olhos, imitai seus exemplos, nutri-vos de Sua vida, vivei de Sua palavra. A Ele elevamos Nossas preces a fim de que vos sustente e ilumine, na paz e na serenidade de coração nesta vida, e especialmente na gloriosa certeza do prêmio prometido.: “Os que ensinam a muitos a justiça, brilharão como estrelas na eternidade sem fim” (Dan 12, 3).

Desça portanto Nossa grande e paternal Bênção Apostólica para confirmar estes votos e fecundar vossos propósitos. Desça sobre a Diretoria Nacional e sobre todos vós, sócios da União Católica Italiana dos Professores de Curso Secundário, de modo particular sobre vossas famílias e sobre vossas escolas, nas quais preparais as novas gerações para o esplendor e para a irradiação da vida.

# A COOPERAÇÃO APOSTÓLICA CANADÁ — AMÉRICA LATINA

## Carta Pastoral Coletiva do Episcopado Canadense

*Depois do discurso do Santo Padre aos Superiores Gerais (ver n.º 59) publicamos esta Pastoral Coletiva do Episcopado Canadense que vem patentear a crescente e constante preocupação da Igreja universal na solução dos problemas que afligem o continente sul-americano.*

Ottawa, 13 de janeiro de 1960

Nossos caríssimos Irmãos,

De tôdas as mensagens com ressonâncias quase proféticas que, no acaso de seu glorioso Pontificado, nos deixou o saudoso Papa Pio XII, talvez não haja nenhuma que possa nos comover e tocar tão profundamente quanto esta passagem de seu discurso de 23 de setembro de 1958: “Por suas dimensões, por sua população, pela robustez de sua fé e pelo esplêndido futuro que lhe está reservado — dizia êle — a América Latina representa hoje, em todos os domínios, mas especialmente no plano religioso, uma das maiores esperanças de amanhã” (1).

De fato tudo nos convida, a nós, católicos canadenses, a nos interessarmos pela sorte dêstes países que, conforme a própria expressão do Pontífice que acabamos de citar, constituem um “formidável bloco católico, que o zêlo missionário de suas mães-pátrias, Espanha e Portugal, soube edificar para tão grande honra delas e vantagem da Igreja”. Suas origens religiosas, se bem que anteriores às nossas, guardam contudo traços comuns com elas; assim a cruz arvorada por Jacques Cartier nas margens de Gaspé, a 24 de julho de 1534, encontra, após menos de meio século de intervalo, a cruz que Cristóvão Colombo plantara aos 12 de outubro de 1492 na pequena ilha das Bahamas, que denominou São Salvador. A mesma cruz de Cristo marcava assim, desde a primeira hora, as origens cristãs do Novo Mundo.

### I — Motivos que levam a se prestar auxílio à América Latina

A grande solidariedade humana que hoje, talvez mais do que nunca, obriga já as nações economicamente mais bem providas em favor dos países onde reinam ainda a fome, a pobreza, a miséria, não nos deve fazer inclinar primeiramente, porém com compreensão, com simpatia, com amor

1) Discurso aos Reitores dos Seminários Maiores da América Latina. “Oss. Rom.”, set. 1958; Revista da C. R. B., n.º 44, pág. 65.

fraternal, para êstes povos latinos, mais vizinhos ao nosso, onde tantas circunstâncias adversas, históricas e sociais, mantêm às vêzes por isso condições de vida impróprias ao desenvolvimento de sua personalidade e desfavoráveis ao exercício da virtude?

Porém, mais ainda que sua condição econômica e social, é a situação religiosa da América Latina que hoje nos deve preocupar, como justamente aflige seus pastôres de almas, e como igualmente inquieta a própria Santa Sé. Acontece, de fato, que o continente latino-americano, que atualmente conta com uns 167 milhões de católicos ou seja cêrca de 34% da população católica do globo, tem apenas 35.000 padres, ou seja, 9,5% do total dos padres do universo, para assegurar os socorros da religião. E, levando em conta as distâncias e a dificuldade das comunicações nesses vastos territórios, calcula-se que perto de 40.000 centros de população estão completamente privados da presença do sacerdote.

Se pararmos agora para considerar que, conforme o curso atual das progressões demográficas, e segundo os próprios cálculos da Organização das Nações Unidas (O.N.U.), a população da América Latina atingirá provavelmente 600 milhões de almas daqui a quarenta anos, é preciso convir da impossibilidade em que se encontra de prover, somente por suas forças, ao recrutamento e à preparação do clero que lhe é necessário para difundir o ensino da doutrina católica e para preservar o tesouro da verdadeira fé.

Será, pois, praticar obra eminentemente apostólica, responder com entusiasmo às paternas e vibrantes instâncias do Soberano Pontífice, não menos que à voz inquieta de nossos veneráveis irmãos, os Bispos da América Latina.

Sua Santidade o Papa João XXIII gloriosamente reinante, cuja caridade pastoral tão depressa conquistou a afeição e o apêgo filial de todo o mundo cristão, acaba de nos convidar a tanto, ainda em termos prementes. De uma carta autografada que se dignou dirigir aos Cardeais, Arcebispos e Bispos do Canadá a 23 de novembro último, no dia seguinte à Conferência episcopal inter-americana que — fato sem precedente na história do Novo Mundo — havia reunido por êste motivo, em Washington, os representantes do episcopado da América Latina, dos Estados Unidos e do Canadá, temos o especial prazer de citar as seguintes comovedoras exortações:

“A Nós que, pela disposição do querer divino — escreve o Santo Padre — recebemos o leme do barco cristão, interessam-Nos profundamente as questões e os assuntos de altíssima importância que foram tratados, no início dêste mês, pela memorável assembléia episcopal de Washington. Aos pastôres que ali estavam reunidos dirigimos palavras repletas de esperança, para bem lhes mostrarmos Nossa solicitude, esperando ardentemente que resoluções bem maduras fôsem tomadas e iniciativas oportunas saíssem para ir em auxílio ao Episcopado da América Latina. E', pois, com grande alegria que tomamos conhecimento das deliberações dessa reunião. Consideramo-las tão apropriadas, tão



conformes à realidade e dum senso prático tão perspicaz, que não podemos Nos impedir de desejar vivissimamente que sejam postas em execução o mais breve possível.

“Na verdade, havíamos experimentado já uma imensa satisfação com as promessas que tão generosamente fizestes no início da recente Assembléia do Episcopado Canadense, comprometendo-vos — como vós mesmos escrevestes — em contribuir, na medida de vossas forças, a preservar e desenvolver a vida católica na América Latina. Mais ainda, decidistes de formar um Conselho de Bispos para orientar, estimular e coordenar as forças católicas, em vista da ajuda a ser levada à América Latina e para ativar ainda as iniciativas e as obras que vossa nação, por seu clero, por suas comunidades religiosas e por seu próprio laicato, fornece já com dedicação a estas igrejas-irmãs. E, pois, grandíssima a alegria que sentimos, constatando que os bispos que vos representavam participaram da Conferência de Washington com projetos maduramente estudados e profundamente penetrados de uma fraternal compreensão das necessidades da América Latina. Não somente êles contribuíram, com sua prudência e seu zêlo, para o progresso do catolicismo, mas também prometeram solicitar o mais breve possível a assistência eficaz dos Bispos canadenses.

“Por todos êstes motivos Nós temos confiança que o programa de ação que nessa Assembléia foi estudado e firmado como as grandes linhas do trabalho futuro, será levado a bom termo, veneráveis Irmãos, empregando vós todo o vosso zêlo. E temos ao mesmo tempo por certo que os auxílios e os dons que decidirdes enviar às dioceses da América Latina reverterão, e em medida maior ainda, em vantagem do rebanho que vos foi confiado”.

Já desde muito tempo, caríssimos Irmãos, o Canadá envia seus filhos e suas filhas para ajudar valiosamente estas igrejas-irmãs. Para não falar aqui das fundações religiosas do século transato, é com orgulho que saudamos os cinco Bispos, as cinquenta sociedades religiosas, os mil sacerdotes, religiosos e religiosas e os apóstolos leigos que, a 1 de junho de 1958, constituíam nossos primeiros efetivos canadenses na América Latina. Em vinte países seu zêlo se exerce junto de tôdas as classes da sociedade, e os trezentos estabelecimentos que êles dirigem são outros tantos focos de verdade, de consolação, de força e de luz cristãs para nossos irmãos latinos.

Mas precisamos de mais ainda. Necessitamos de aumentar êsses efetivos, consolidar as obras existentes e criar as novas instituições que se impõem no triplo domínio da formação do clero, da educação cristã das massas e do progresso do apostolado, se quisermos ajudar eficazmente a América Latina para triunfar dos numerosos perigos que a ameaçam, e manter entre as nações cristãs o papel e a missão que convém às suas magníficas tradições culturais e religiosas.

Por certo um sã realismo não nos permite pensar que o catolicismo canadense seja chegado ao ponto de saturação, e que apenas deva

deixar escoar sôbre a América Latina o excedente de suas fôrças. O próprio Canadá experimenta neste momento um arranco demográfico e desenvolvimentos industriais que, seja para o trabalho pastoral, as necessidades do ensino e de hospitalização, seja para as necessidades de apostolado social, apresentam a seus chefes religiosos problemas angustiantes. E, por mais privilegiada que seja sob múltiplos aspectos, môrmente em determinadas regiões do país, nossa pátria deve também enfrentar os assaltos do êrro, da irreligião e do comunismo ateu, que sempre põem em perigo seu patrimônio religioso e moral.

Mas o esforço que solicitamos, e que não cessaremos de pedir a nossos sacerdotes, a nossos religiosos e religiosas e a nossos próprios leigos, é tal que, longe de esgotar ou de diminuir nossas fôrças, as consolidará e aumentará. Despertará, com efeito, na alma canadense como que um sentido renovador de sua vocação cristã e apostólica. O apêlo da América Latina suscitará, disso temos convicção, dedicações, entusiasmos, que o serviço da Igreja, em sua própria pátria, jamais teria levantado. E mais uma vez haverá de se realizar, graças à divina eficácia prometida à oração, a palavra que o Redentor fez ouvir: "A messe é abundante, mas os operários são poucos; rogai, pois, ao Mestre da seara de enviar operários à sua messe" (Mt 9, 36-38).

Por outro lado, o venerável Episcopado da América Latina, bem consciente da situação, nada negligencia para atender às necessidades espirituais de seu povo. E, no que concerne especialmente à formação do clero, nada poupa para fundar novos seminários, aumentar e melhorar os que já existem, e assegurar aos levitas a preparação doutrinária e pastoral que responde às necessidades de nosso tempo. Não deixa também de apresentar as milícias leigas que possam suprir a insuficiência numérica do clero, multiplicar sua influência e prolongar sua ação. Os sacrifícios que se impõe, particularmente para melhorar a educação popular e mais ainda para fundar e manter fortes e poderosas universidades católicas, são dîgnos de nossa completa admiração. Infelizmente, sem a imediata assistência de seus irmãos da América do Norte, recebem nossos Veneráveis Irmãos não poder proteger suficientemente o rebanho de Cristo. "Amanhã — dizem-nos num grito patético — se nos ajudarem hoje, poderemos ajudar outros por nossa vez. Mas sôzinhos, sem o auxílio estrangeiro, não podemos salvar esta porção da catolicidade que está confiada a nossos cuidados".

## II — Plano de cooperação apostólica

E', pois, para cumprir uma grave obrigação de caridade e de solidariedade cristã, como também para responder ao apêlo angustiante de nossos irmãos da América Latina e para obter perar às incessantes admoestações da Santa Sé, que vimos vos expor, caríssimos irmãos, o que serão as grandes linhas do projeto de cooperação apostólica Canadá

— América Latina.

Pondo antes de tudo nossa esperança e nossa confiança no socorro do alto, promovemos desde hoje uma grande campanha de orações para que o Céu inspire e sustente nossos esforços. Convidamos a tôdas as nossas ovelhas a recitar nas paróquias, nos seminários, nas casas religiosas e nas famílias, a seguinte oração, à qual os arcebispos metropolitanos do Canadá concedem, para suas províncias e dioceses sufragâneas, uma indulgência de duzentos dias cada mês.

“Divino Salvador das almas, que de tantas predileções cercastes as cristandades do Novo Mundo e que para nelas implantardes, expandirdes e defenderdes a verdadeira fé, suscitastes apóstolos, pontífices, confessores, virgens e mártires; dignai-vos lançar sôbre a Igreja da América Latina um olhar de bondade e de misericórdia, no meio dos perigos que a ameaçam hoje. Fazei nela florescer numerosas vocações para o sacerdócio, para o apostolado e para a vida perfeita. E vós, ó Virgem Imaculada, que sempre sôbre ela velastes maternalmente, vós a quem a América inteira aclama como sua Rainha e Mãe, como a mãe dos cristãos e a Rainha do Mundo, fazei com que possamos por nossas orações, nossos sacrifícios e nossa própria vida, ajudar nossos irmãos das aquelas terras a permanecerem sempre dignos de suas tradições católicas, sempre fiéis à sua alta missão cristã no Mundo. Assim seja”.

Solicitamos alguns padres de nossas dioceses, uma vez assegurado aqui o essencial do ministério paroquial, do da educação e da direção das obras, a oferecerem-se generosamente para ir exercer o labor apostólico na América Latina, mas levando sempre em conta que o principal trabalho, a função primordial, consiste em formar a mocidade do país para o sacerdócio e para o apostolado leigo. Sem renunciar nem à condição de sacerdotes diocesanos nem a seu título de incardinação, iriam, ao menos por algum tempo, após as necessárias preparações e adaptações, pôr-se sob ordens de um bispo de lá, conforme, por exemplo, às estipulações para os padres da província eclesiástica de Sherbrooke, que realizam tão futuroso labor no Brasil.

As Ordens, às Congregações e aos Institutos religiosos ou seculares de homens e de mulheres enviamos prementíssimo convite para considerar a América Latina como seu apostolado exterior. Desejamos ardentemente que todos e cada um dêles, mesmo aquêles que até agora não puderam enviar nenhum de seus súditos, respondam ao apêlo da Igreja e aceitem fundar hospitais, hospícios, dispensários, colégios e escolas. O domínio da hospitalização, com efeito, é um dos em que as necessidades são mais urgentes, do mesmo modo que o da educação popular, conforme o programa próprio de cada país e o mais das vezes com forte insistência sôbre o ensino do inglês como língua secundária. Creemos que a Conferência religiosa canadense poderia vantajosamente canalizar os pedidos que surgem de tôdas as partes e combinar, com a Comissão episcopal de que falaremos em breve, o plano de conjunto que

nossas comunidades religiosas serão solicitadas a efetuar na América Latina.

Numerosos apóstolos leigos, particularmente enfermeiros, professores, e assistentes sociais, oferecer-se-ão também, esperamo-lo, a ocuparem o seu lugar ao lado de seus irmãos da América Latina, e ajudá-los a repor nos princípios cristãos tôda a sua influência sôbre a vida familiar, profissional e social.

Aqui mesmo, em terra canadense, desejamos abrir de par em par as portas de nossas universidades, de nossos colégios, de nossos seminário e de nossos estabelecimentos de ensino aos estudantes latinos que seus bispos nos recomendarem. E entreremos jubilosamente a possibilidade de efetuar com a América Latina trocas de professores e de alunos que, conquanto estejam judiciosamente preparados, não poderão senão favorecer o bom entendimento e a mútua caridade que devem reinar entre as classes dirigentes de nossos respectivos países.

São já numerosos os moços e as moças que de todos os países da América Latina afluem aos centros de ensino secundário, seja do Canadá francês, seja do Canadá inglês. Tal movimento, nós o quereríamos desenvolver muito mais. Parece-nos de primeira importância que todos, ainda aqueles que frequentam outros estabelecimentos que não nossas universidades e nossos colégios católicos, encontrem entre nós a simpatia, o acolhimento fraternal, o ambiente moral e a assistência espiritual sem o que arriscam de ver tornarem-se neles insípidos os princípios cristãos e as convicções católicas que constituem o seu mais precioso apanágio.

As transformações econômicas às quais se assiste em tôdas as partes do mundo, e que na América Latina se impõem muitas vêzes com urgência, chamam de modo especial a atenção da parte dos chefes espirituais. Também a assistência que já oferece a algum dêstes países, entre outras uma instituição por tôda a parte tão altamente apreciada como a universidade de S. Francisco Xavier de Antigonish, é um dos mais importantes concursos que o Canadá possa apresentar. A formação, em nossas diversas escolas de ciências sociais, de chefes e de trabalhadores sociais, não somente dotados de erudição sociológica mas embebidos da verdadeira doutrina social cristã, deve ser aqui ainda uma de nossas primeiras preocupações. Talvez poderemos contribuir dêste modo a poupar amanhã à América Latina temerosos conflitos. Igualmente, sem dúvida, ajudando Deus, contribuiremos a impedir o triunfo da ideologia marxista, sempre à cata de injustiça e das desigualdades sociais, não para corrigi-las, mas para semear por tôda a parte a anarquia e instaurar uma ditadura inumana e sem Deus.

Muitas outras iniciativas haverão de surgir ainda, apraz-nos em que assim seja, caríssimos irmãos, do zelo e da caridade dos diversos sectores da Igreja Canadense; laicato, famílias religiosas e clero. Relações e traços seguidos entre dioceses, paróquias e instituições do Canadá e da América Latina foram felicissimamente sugeridas. A assistên-

cia financeira, seja em dinheiro, seja em natureza, seja em equipamentos de transporte ou de material de ensino audio-visual, tudo isso e mil outras contribuições ainda, que benfeitores leigos estejam em condições de fornecer, podem facilmente decuplicar a eficácia do trabalho apostólico dos trabalhadores do Evangelho sempre em número insuficiente.

Enfim, desejamos vivamente que toda a Igreja e toda a nação canadense se aproximem cada vez mais, pelo pensamento e pelo coração, de nossos irmãos da América Latina. Poderia a opinião pública ser mais frequente e mais exatamente informada da geografia e da história, das dificuldades e dos problemas, mas também dos progressos e dos triunfos destas regiões. Nossas casas católicas de ensino têm aqui um dever de per si indicado para com seus estudantes, sobretudo dos futuros clérigos. E nossos órgãos de difusão do pensamento, imprensa, rádio e televisão, serão uma alavanca poderosa para levantar a apatia ou a ignorância que poderiam travar o bom êxito de nossos esforços.

Enfim, caríssimos irmãos, para ativar, para estimular e para orientar, no maior respeito da autoridade hierárquica, estas iniciativas numerosas e variadas que acabamos de esboçar e que temos inteira confiança de ver nascer e medrar, como também para coordenar em feixe poderoso todas as empresas apostólicas que existem, e prosperam já, o Episcopado canadense, com o apoio e o encorajamento da S. Sé, constituiu uma **Comissão Episcopal Canadense da América Latina** (C. E. C. A. L.). Dela dependerá em última instância a direção de todo este plano de cooperação apostólica CANADÁ-AMÉRICA LATINA, ressaltando-se, bem entendido, a inteira autoridade dos Ordinários em questão e, para o que concerne as comunidades religiosas, a autoridade dos superiores competentes. Inútil acrescentar que esta Comissão canadense trabalhará de pleno acôrdo com a Comissão pontifícia para a América Latina e em estreita relação com ela.

Esta Comissão episcopal terá sob suas ordens um departamento católico canadense da América Latina (O.C.C.A.L.) situado em Ottawa, junto ao secretariado geral da Conferência católica canadense. Estará encarregado de estabelecer os contactos necessários, tanto com a Comissão pontifícia e com o episcopado da América Latina, por intermédio do Secretariado geral do C.E.L.A.M., como com os Excelentíssimos Ordinários do Canadá, os superiores religiosos e todas as outras pessoas ou instituições interessadas neste plano de cooperação apostólica. Assumirá também a execução das decisões da Comissão, e lhe servirá de órgão ordinário de comunicação, de propaganda e de publicidade.

## Conclusão

Invocamos com fervor as luzes e as bênçãos do Altíssimo sobre este projeto que nos inspirou a plena consciência de nossas responsabilidades de **bispos da Igreja Católica** — segundo a belíssima expressão

que o próprio Pontífice emprega ao assinar suas cartas decretais. Se nossa obra der verdadeiramente os frutos que nos prometemos, ela trará o bem espiritual e o progresso social a todos os povos dêste hemisfério. Ela não poderá senão fortalecer a paz mundial, salvaguardando a liberdade e a dignidade da pessoa humana, e facilitando o pleno desenvolvimento da cultura e da civilização cristã, implantadas há perto de quinhentos anos no Novo Mundo.

Dizia Sua Santidade o Papa João XXIII, gloriosamente reinante, a 15 de novembro de 1958: "Para a vida de tãda a Igreja e para seu futuro, inútil é dizer quanto importa que a América Latina, bem longe de o deixar vacilar, faça resplandecer de um brilho sempre mais vivo o facho de fé, que desde os primeiros tempos lhe ilumina a história. Esta nobre família de nações que, por admirável desenvolvimento demográfico, civil, cultural e econômico, vai crescendo sem cessar, parece bater à porta do destino do mundo para nele tomar parte decisiva. Importa que ela se apresente profundamente animada de um espírito e com aspirações ditadas pela verdade. Porquanto é sòmente a verdade que faz os homens livres e grandes as nações".

Em sua carta autografada dirigida, a 26 de outubro último, a Sua Eminência o Sr. Cardeal Richard Cushing e aos outros arcebispos e bispos do continente americano reunidos em Washington, lembrava-nos ainda o Soberano Pontífice esta palavra de Santo Agostinho: "O Corpo de Cristo é a Igreja: não tal ou tal Igreja, mas a Igreja espalhada por todo o universo". E Sua Santidade acreditava: "O voto que formamos, é que êste ponto de doutrina seja sempre mais bem compreendido e mais eficazmente praticado".

Ao dardes ouvido à instante exortação de vossos pastôres de almas, que é a do Pastor dos Pastores êle próprio, ao ofertardes vossas orações, vossos trabalhos, vossas oferendas, ao vos dedicardes para ajudar a América Latina, é na verdade para restaurar as fôrças, o vigor e a plena vitalidade do Corpo Místico do Cristo, que tereis trabalhado. E isto num sector do universo cristão que a Providência ela própria parece assinalar hoje mais particularmente à nossa caridade fraterna, digne-se o céu vos recompensar o trabalho de todos os padres, religiosos, religiosas e colaboradores leigos, com suas bênçãos, e suas divinas consolações.

Será nossa presente carta pastoral coletiva, conforme o costume de cada diocese e as disposições tomadas pelo Ordinário do lugar, lida ou comentada no púlpito nas Igrejas e capelas e em capítulo nas Comunidades religiosas, no decurso do mês que seguir a recepção da mesma.

Feita e assinada em Ottawa, em nome de todo o episcopado canadense, neste décimo terceiro dia de janeiro de mil novecentos e sessenta (13 de janeiro de 1960).

**O Conselho de administração da  
Conferência Católica Canadense**

# A MISSÃO DO CAPELÃO NA COMUNIDADE RELIGIOSA

*Pc. Heriberto Bulkowski SVD*

*(Continuação do número anterior)*

Como documento do Magistério Eclesiástico citamos Leão XIII (Epist. "Testem benevolentiae"): "uti homines plerumque fere per homines salvandos Deus decrevit, ita illos quos ad praestantiorum sanctorum gradum advocat, per homines eo perducendo constituit" (sec. De Guibert, pág. 186). A mesma é a doutrina dos Santos da Igreja, dos teólogos (Plus, "A direção espiritual segundo os mestres espirituais"). Esta necessidade da direção é maior ainda para religiosos, em vista da perfeição a alcançar, maior do que dos seculares (Heerinckx, 257).

b) **Natureza da direção espiritual.** De Guibert dá-nos a definição do diretor espiritual (168): "Diretor é aquele a quem alguém manifesta toda sua consciência, seu interior, habitualmente, em ordem à perfeição a alcançar, sendo por ele instruído e dirigido".

Notamos quatro elementos essenciais (Salamanca, 62-79): a perfeição (causa final); o diretor espiritual (causa eficiente); o dirigido (subjectum in quo) e o objeto (id quod) (ambos são a causa material); a própria ação de dirigir, a direção (causa formal).

1.º — a **finalidade** da direção espiritual é a perfeição espiritual do dirigido e tudo a respeito e só isso: Tudo que ensina a Teologia Espiritual a respeito da natureza, meios, obstáculos, fases etc. da vida espiritual.

Não é portanto direção a atitude do pedagogo, o apostolado sacerdotal de dirigir paróquias, pregar retiros, missões, confessar, dar aulas de catecismo, fazer conferências, pregação, a ação pastoral e jurisdicional dos superiores eclesiásticos e religiosos porque dirigem no fôro externo e a comunidade como tal.

2.º — o **Diretor espiritual** (causa eficiente). Das qualidades de caridade sobrenatural e paterna, ciência, experiência, prudência e discricção já falamos.

A sua função não é unicamente de ensinar o caminho a seguir, os meios a aplicar, etc., mas também de dirigir a vontade e de animar nas

dificuldades, nos obstáculos (De Guibert, 177).

O Diretor Espiritual é auxiliar do Espírito Santo que em sentido estrito é o diretor divino que forma a alma conforme a idéia divina do Pai Celeste. O diretor humano deve ouvir o que Deus e o Espírito Santo querem desta alma, conforme tôda a sua individualidade. O Diretor forma Cristo nas almas, e deve portanto guiar as almas para Cristo e para Deus e não para si.

3.º — A causa material (*subjectum in quo*): o **dirigido**: é o batizado, e em nosso caso ainda mais, o religioso com sua obrigação a uma vida espiritual mais santa e mais perfeita. Seus deveres são respeito ao diretor espiritual, como para com seu pai espiritual vestido de autoridade, a confiança e a caridade sobrenatural, o amor, pois, sem amor não há nem educação nem direção, e a docilidade com esta sinceridade de submeter tudo à direção. Aqui podemos notar que se há almas que tem dois, tres diretores, afinal não obedecem a nenhum. A direção será tanto mais proveitosa e fecunda quanto mais dócil fôr a alma.

Quanto ao **objeto da direção** (*id quod*) é tudo que interessa a formação espiritual do dirigido, as causas das faltas, dos pecados, as paixões, tentações, os seus remédios, as virtudes teológicas e morais a adquirir, os meios (leitura, confissão, fidelidade à regra, devoções, votos, vocação, as relações sociais, fraternas na própria comunidade e para fora da comunidade) (Tanquerey, 349), a formação para a generosidade, para a liberdade dos filhos de Deus, as grandes verdades e mistérios da fé.

4.º — A **própria direção** (elemento formal): a ação diretiva é uma ação **individual**: para o indivíduo, não para a comunidade como a pregação, conferências, retiro, etc.; uma ação **habitual**: não somente uma ou outra consulta esporádica, mas exige certa regularidade, porque direção é essencialmente um controle do caminhar espiritual. Esta regularidade depende em sua freqüência da madureza biológico-psíquica e intelectual e do nível espiritual (da fase em que está) já alcançado pelo dirigido: 3 ou 4 vêzes por ano, p. ex. para um sacerdote, religioso já mais idoso; mais vêzes para um seminarista, neo-professo, noviço, etc. Porém, a regularidade exige que uma direção esteja em nexos com a passada, anterior; é uma ação **espiritual**, da vida espiritual, porém em nossas condições humanas de natureza composta de corpo e alma, com suas condições biológicas, psíquicas e intelectuais, porque tudo influi no organismo espiritual; uma ação **moral**, influenciando na vontade do dirigido, iluminando sua inteligência, movendo, animando a vontade (dirigir, animar, consolar). Esta influência na vontade não é “mandando”, mas aconselhando com autoridade paternal.

Aqui é o lugar do problema da obediência ao diretor. De Guibert (pg. 171 s) determina esta “obediência”: não é obediência no sentido estrito, mas no sentido lato, a saber, uma submissão por prudência e humildade, “como a um amigo com respeito religioso” (S. Francisco de Sales, *ib.*).



Convém que o dirigido faça voto de obediência ao Diretor espiritual? Pe. Gabriel de Sta. Maria Madalena trata nos *Études Carmelitaines* (*Direction spirt. et psychologie*, 148-177) longamente desta questão na base dum inquérito feito entre 142 pessoas, tirando a conclusão: em geral, não se deve exigir e permitir este voto, havendo, porém, exceções para almas indecisas, escrupulosas, etc. Admite-se um voto parcial e temporário. O mesmo vale do voto do mais perfeito (ib.).

Psicologicamente é a direção uma "conversa dirigida" que pode incluir outros métodos psicológicos, como testes, relatórios, etc... Também a própria psicanálise pode nos ajudar nesta ação de direção.

c — Fazemos ainda umas **observações**. É importante recordar que não só o sacerdote, no caso o Capelão, é diretor. Pode ser que também uma Superiora o seja; p. ex., as constituições das Carmelitas o ensinam e estabelecem, não se podendo porém exigir a manifestação de consciência (cân. 530).

Para os religiosos de vida contemplativa aumenta a necessidade da direção, e mais ainda quando se trata de almas na via mística.

A eleição do diretor espiritual é livre e, por isso, a alma pode seguir sua própria inclinação legitimamente. Mas uma vez eleito, não convém mudar por qualquer motivo, mas somente havendo motivo correspondentemente grave (De Guibert, 190).

### 3 — *Confessor e diretor espiritual*

Num inquérito que "*Études Carmelitaines*" fez em 40 Carmelos, todas as religiosas, fora 7, declararam-se contra a união entre confessor ordinário e diretor espiritual (pg. 87 s; 127).

Eis o problema geral: convém em todos os casos separar os dois ofícios ou em certos casos há até conveniência de união dos dois?

Como já de início observamos, confessor não é por definição idêntico a diretor espiritual, porque tanto a função como o objeto em ambos os ofícios são diferentes.

Distinguindo, depois, confessor para o **indivíduo** (confessor especial, ocasional, ou do enfermo), podemos com os autores dizer (De Guibert, 169, Feckes, 169): até é ideal seja o diretor espiritual simultaneamente confessor. Pois, na direção espiritual pode-se logo acrescentar a absolvição sacramental dos pecados e imperfeições. A necessidade ou conveniência de estarem os dois unidos depende também disso, se a alma dirigida já venceu ou não o pecado (Salamanca, pg. 207). De outro lado notamos que há diretores que não são sacerdotes, como já o mencionamos.

Considerando os confessores de **comunidade**: parece certa a resposta do inquérito. Na confissão **ordinária** os religiosos não dirigidos perdem muito tempo em esperar sua vez quando precede um dirigido. Mais ainda, o perigo de divisão na comunidade surge facilmente por causa disso, entram os ciúmes porque demorou com um mais do que com o outro,

sobretudo quando se trata de comunidades femininas. E se fôr mesmo o caso que o confessor ordinário tenha uns dirigidos na comunidade observe-se que não seja a direção no dia da confissão ordinária, ou pelo menos não seja cada semana, mas normalmente somente uma vez por mês.

Quanto à confissão extraordinária (ou também do adjunto), já observamos que o caso é diferente, pois, êle parece mais indicado para ser simultaneamente diretor. Porque vem só quatro vezes por ano e dá a todos mais tempo, portanto também aos dirigidos. Pela regularidade ficam as almas livres de muitas preocupações e dificuldades e podem pedir seus conselhos. E se a comunidade e o superior lhe dão confiança, pode facilmente se tornar diretor da comunidade, o que dá portanto uma desejável unidade espiritual à comunidade. O que é uma verdadeira graça para uma comunidade religiosa.

Mas também aqui convém lembrar-se da liberdade das almas de terem outro sacerdote como diretor, aprovado pelo Bispo. O can. 520, § 2 diz: "confessore[m] specialem vel moderatore[m] specialem". Pois, acho que nenhum sacerdote esteja convencido de que êle seja para todas as almas (*études Carmelit., Direction spirituelle et psychologie*, pg. 88).

## II — Conferências Espirituais

Como confessor, mesmo ordinário, extraordinário, adjunto da comunidade, o Capelão está em contato direto com as almas individuais. No ministério da palavra de Deus, na forma de conferências, porém, está diante da comunidade como comunidade.

Consideraremos, primeiro o próprio pregador ou conferencista, depois o próprio ministério da palavra de Deus em suas modalidades para o Capelão, anexando, terceiro, várias observações práticas.

### 1 — O pregador ou conferencista

a) Umas **dificuldades** bastante comuns apresentam-se ao Capelão: não tem tempo, porque deve ajudar em alguns outros lugares. Outros acham que os religiosos não precisam de conferências, porque têm a pregação do domingo ou das festas ou porque têm suas leituras espirituais, as exhortações no capítulo.

Assim sendo acontece que há comunidades religiosas que o ano todo não ouvem nenhuma conferência. Acrescentemos ainda que o próprio Capelão com a maior boa vontade sente a dificuldade de escolher e preparar o assunto, porque não sente a segurança de encontrar o tom, o modo dos religiosos. E assim permanece a dificuldade como insuperável.

b) Quer nos parecer que para um exercício fecundo e relativamente fácil, para que o próprio Capelão se sinta satisfeito e disposto, é necessário tenhamos a convicção que se trate duma **função importante** do Capelão.

Depois da graça é o "ministerium verbi", a palavra viva o meio mais importante para a formação do cristão para a vida sobrenatural da "comunhão com o Pai e seu Filho, no Espírito Santo"; esta palavra viva em todas as suas modalidades de pregação, catequese, instrução, conferências (Zimmermann, 223).

Falando de modo particular aqui de conferências espirituais entendemos as exortações ascéticas sobre assuntos da vida espiritual, da perfeição, de seus meios. Aos fiéis, em geral, fala-se ocasionalmente sobre tais assuntos, porém, tratando-se de religiosos, hão de ser dirigidas à comunidade toda duma maneira coerente e sistemática. Verificamos logo, que por causa do assunto dirigido à comunidade sobre a perfeição do estado religioso, distinguem-se de qualquer pregação dirigida aos fiéis em geral, pois estes não são adequados e acomodados ao estado religioso.

Dirigem-se estas conferências umas vezes mais à inteligência (instrução), outras vezes mais à vontade (exortação). Sua finalidade, seja da instrução seja da exortação, é diretamente a santificação conforme o estado de perfeição. E não só para aqueles que estão ainda na via purgativa, mas também para aqueles que vivem uma vida mais perfeita na via iluminativa ou unitiva (Heerinckx, 244). A força e o valor da conferência espiritual consiste, portanto, na palavra viva, no "ministerium verbi", apropriada ao auditório que é a comunidade religiosa.

Mais ainda, pela conferência espiritual formamos as almas da comunidade em seu caminho de perfeição espiritual. Esta formação doutrinal há de influir no fervor e na generosidade da comunidade, em seu nível sobrenatural, na segurança da doutrina tão necessária para a vida espiritual (Directoire, 150 ss; 193). Vale isso ainda mais quando se trata de noviciados, de casas de neo-professos, etc.

Se nós nos queixamos que os religiosos e as religiosas não vivem à altura de sua vocação, não conhecem as grandes preocupações e necessidades atuais da Santa Igreja, como o próprio Pio XII o quiz, então, não há Capelão que lhes fez ver estas necessidades, problemas, preocupações, que lhes deu os estímulos duma vida mais correspondente à sua vocação.

Vejamos, pois, esta função de nosso ministério como "ministerium verbi" para comunicar a vida "ut credentes vitam habeatis" (Jo 20,31), guiando as almas para uma "comunhão e união mais profunda com o Pai e seu Filho no Espírito Santo".

c) Verdade é, e aqui temos toda razão, sem **preparação** não podemos de modo digno e fecundo e com certa satisfação exercer este apostolado. Esta preparação há de ser, em primeiro lugar, pelo estudo e aproveitamento da Teologia Espiritual, Dogmática e Moral, como na parte geral de nossa exposição insinuamos. Auxiliados por estas ciências preparemos com cuidado nossas conferências. Mas não nos esqueçamos da própria meditação e oração como indispensáveis para que o próprio Espírito Santo fecunde nossa palavra humana, tornando-a semente da vida eterna. E' só Ele, o Espírito Vivificador, que pode dar a palavras hu-

manas esta fecundidade viva e sobrenatural. E' portanto nossa própria união com Deus que transbordando acende as almas, comunica-lhes nossa convicção, e nesta convicção lhes faz ver a conveniência do próprio objeto da conferência (Zimmermann 225). Quando se trata de almas mais avançadas na vida espiritual do que nós, exigem-se mais orações, maior preparo intelectual. Dom Marmion anotou uma vez sua impressão dum retiro que acabava de fazer: "Eu vi que para ensinar com unction e para tocar os corações dos ouvintes, nós devemos estar unidos a Cristo Jesus" (Directoire, 197).

A própria preparação cuidadosa e a oração unida a ela, nos dão o prazer e a consciência feliz, e por isso também a coragem e a convicção de falar em nome de Deus.

## 2 — O "*Ministerium Verbi*"

a) A base de nosso ministério a encontramos no próprio Código do Direito Canônico. O Cân. 509 § 2,2º, encarrega os superiores locais de cuidar que haja para os conversos e empregados, duas vezes por mês, uma instrução catequética, e sobretudo nas religiões laicais, uma exortação piedosa. O cân. 529 fala da aprovação do pregador pelo Ordinário, que somos nós capelães por nossa aprovação do Bispo de cuidar "*in spiritualibus*" desta comunidade.

b) Durante o ano oferecem-se as mais variadas ocasiões para este "*ministerium verbi*" com tôdas as suas modalidades. São as conferências regulares, uma ou duas vezes por mês. São as ocasionais por motivo duma festa do fundador, do padroeiro da casa, duma vestição, profissão, jubileu de prata, de ouro de profissão. São as aulas de religião, de catecismo, explanando sistematicamente as verdades e mistérios da fé. São as conferências por ocasião do retiro mensal com seu exame do mês, duma verdade eterna, da preparação à morte. E ainda, conforme as circunstâncias, as conferências para o noviciado, de preparação à emissão dos votos, para os neo-professos.

Tôdas estas ocasiões nos dão ensejo de ilustrar o caminho da perfeição, de animar, de esclarecer, em vista da fraqueza humana de precisar sempre de novos estímulos, ânimo e coragem de esclarecimento, de nova orientação para o eterno já que tão facilmente e tão depressa o perdemos de vista na luta da vida cotidiana.

Talvez tenha o Capelão também ocasião de pregar o retiro anual ou um tríduo, retiro pequeno, em preparação da renovação dos votos. Sabemos por própria experiência quão importantes são os retiros sejam anuais sejam pequenos. São para um capelão as melhores ocasiões de formar uma comunidade para uma vida mais fervorosa (Feckes, 284; Zimmermann 239).

c) Quanto ao objeto ou a matéria a expor nestas conferências, podemos dizer dum modo geral: será tudo que toca à vida espiritual e religiosa (tudo que apontamos falando do estudo da Teologia Espiritual).

Em particular podemos detalhar: os mistérios da fé, as virtudes teológicas e morais, os meios de progredir na vida espiritual, sobre a oração, as dificuldades, as paixões, sobre a vocação e seu cultivo, sobre as devoções, sobre as fases da vida espiritual.

Convém tocar de modo especial na espiritualidade do instituto, explicar as virtudes que o instituto exige de seus membros, dos meios, das devoções que recomenda e realça, os santos padroeiros, explicar as orações do instituto, pois, os religiosos encontram na fidelidade ao seu instituto e seu espírito, a força e a graça de Deus que os guiou para um instituto aprovado pela Santa Igreja (Directoire, 210).

Tratando-se dum instituto de vida ativa, apostólica, é nosso dever orientar, em visão espiritual para o apostolado, explicar e acentuar a união entre vida espiritual própria e o apostolado, analisar as dificuldades que o apostolado traz para a vida espiritual, indicar os meios e os modos para evitar certas dificuldades, insistir na necessidade absoluta de cuidar da união com Deus, na vida em sua presença, combater o divórcio entre vida espiritual e apostólica. O que terá especial aplicação, p. ex., num hospital com os problemas modernos da medicina; num colégio com todas as dificuldades que trazem os alunos para a educação e instrução, pela falta da vida familiar, orientação sóbria e esclarecida sobre os problemas da vida, de namoro, matrimônio, que enchem as cabeças sobretudo das alunas de colégios, internatos, etc...

Numa comunidade contemplativa, clausurada, devemos acentuar a vida de oração, de recolhimento, de alegria nos recreios, a simplicidade e sinceridade, na formação para os grandes ideais e motivos, imolar-se pela Igreja, formar para a generosidade para vencer a mediocridade.

### 3 — Observações práticas

Apontamos em primeiro lugar a necessidade de adaptar-se aos ouvintes, à sua capacidade, à sua formação intelectual e espiritual. Convém, para não ficar sempre na via purgativa, mostrar o ideal da via iluminativa e unitiva para estimular para maior generosidade e suscitar e fomentar grandes desejos, como Santa Teresa insiste.

Dediquemos um esforço todo especial para dar doutrina sólida e não aguada e diluída. Não convém, em vista da responsabilidade deste "ministérium verbi", alimentar as almas com revelações particulares, visões, ou opiniões teológicas, ou até com questões disputadas. Tudo isso dilui a força da vida espiritual tornando-a um jogo de ondas humanas. Agora, a vida espiritual é séria demais para basear-se em tais futilidades ou fundamentos lábeis.

O que facilita muito em nosso ministério são as conferências seguidas sobre temas coerentes, porque assim não precisamos cada vez perder muito tempo em procurar um assunto. Temas sobre o Padre Nosso, Ave Maria, Veni Sancte Spiritus, Veni Creator, as ladainhas do S. Coração de Jesus, nome de Jesus, de N. Senhora, S. José, etc. Um con-

junto de verdades da fé, sôbre Deus, a Trindade, a Encarnação, a Redenção, os sacramentos, a Igreja, o Corpo Místico, a Liturgia, a S. Escritura. Hoje, no tempo da Bíblia e da Liturgia, devemos formar religiosos para um entendimento mais profundo da S. Escritura, da própria Liturgia.

Quanto ao tempo de duração das conferências seja-nos regra áurea: 20 ou 30 minutos. Os pregadores que falam uma hora ou uma hora e meia são um horror para todos.

Depois de ter a comunidade feito seu retiro anual seria muito conveniente que o capelão complete, aprofunde o retiro anual. Porque logo êle vai saber sôbre que assunto versou o retiro. E' uma graça renovada do retiro quando assim durante o ano êste for atualizado por conferências correspondentes.

No fim damos uma sugestão: formar-se uma biblioteca especializada em assuntos espirituais, de obras de espiritualidade. As conferências seguintes hão de concretizar esta sugestão pela indicação duma bibliografia espiritual. Aachamos importante esta sugestão, pois, aumenta nosso interêsse em assuntos espirituais, mais ainda aumenta nossas possibilidades quanto à matéria a dar nas conferências.

### III — Correspondência Espiritual

São as cartas de direção espiritual. Pois, dá-se facilmente, na situação do Capelão, o caso: o religioso ou a religiosa que eram durante algum tempo nossos dirigidos são transferidos para outra casa; ou, nós, como capelães, somos transferidos para outra capelania ou para outro ministério sacerdotal, deixando nossos dirigidos privados de nossa direção espiritual.

#### 1 — O problema (*Plus* 140, *De Guibert* 194)

E' útil continuar a direção por meio de cartas de maneira habitual (e não uma outra vez carta de consulta), ou significa isso perda de tempo?

A história da espiritualidade e dos santos e mestres espirituais oferece-nos exemplos destas cartas de direção espiritual. Plus, em seu opúsculo "A direção espiritual segundo os mestres espirituais", cita muitos exemplos. Temos muitas cartas de direção que São Francisco de Sales escreveu a Santa Francisca Chantal, do Bemav. Colombière a Santa Maria Alacoque. Mons. d'Hulst escreveu umas 500 por ano, as cartas de Boussuet enchem 15 volumes, temos as cartas de direção de São Vicente de Paulo, de São João da Cruz (cuja maior parte está perdida). Acrescentamos as cartas de Dom Marmion que deram o livro "União com Deus", e assim de muitos outros. Cartas, umas doutrinárias, outras mais psicológicas, umas mais de assuntos gerais, proveitosas a um certo número de almas, outras de assuntos mui particulares (Plus,

139 s).

De outro lado verificamos grandes dificuldades da direção espiritual por cartas (De Guibert 194). Já a dificuldade de a alma se exprimir devidamente; o momento exato dum movimento da alma já é outro quando recebe a resposta; a possibilidade duma interpretação errônea de palavras talvez incompletamente caracterizando o estado de alma; circunstâncias não relatadas que dão uma imagem inexata do estado da alma; o perigo de se perderem; o segredo de consciência facilmente se perde; a Liberdade relativamente restrita dos religiosos quando à correspondência epistolar, pois há certos regulamentos que proibem, p. ex. à religiosa, escrever cartas a sacerdotes; há superiores e superiores que não gostam destas cartas ou não admitem que sejam entregues fechadas "consciência"; e ainda a questão da confiança dos súbditos entregando as cartas. E por fim, não é afinal uma perda de tempo em proporção aos verdadeiros frutos para a vida espiritual dos dirigidos? Ou não se deve, simplesmente, uma vez transferido, ver nisso um sinal da providência divina também para os dirigidos?

## 2 — *Princípios*

a) O fato que há tantos santos e mestres espirituais que praticaram este apostolado, nos permite a conclusão de que se trata dum verdadeiro apostolado que, porém, em vista das dificuldades apontadas, é um apostolado limitado que requer suas regras de disciplina.

b) Devemos distinguir vários casos: 1) o sacerdote conhecia bem pouco a alma, talvez só de passagem, num retiro, e a alma nos pede de continuar por escrito a direção; 2) conhecia a alma durante anos dando-lhe direção; 3) continua a direção de anos por cartas e de vez em quando encontra-se de novo com seu dirigido, mais ou menos regularmente. Observamos que a situação, e com isso a utilidade das cartas, há de ser bem diferente. No 1.º caso é quase inútil, pois, pelos poucos conhecimentos da alma a dirigir e da própria alma sobre o modo de dirigir de seu novo diretor, torna-se, em vista das dificuldades apontadas, quase inútil. Outros são o segundo e terceiro caso, pois conhecem-se mutuamente diretor e dirigido, suas expressões, suas palavras, muitas coisas já não precisam ser explicadas porque já estão assinaladas. É sobremodo ideal que o próprio Diretor e o dirigido possam de vez em quando se encontrar para corrigir e controlar a correspondência espiritual, pela presença pessoal da direção oral (Cf. De Guibert 195).

c — Numa das cartas de direção de São Francisco de Sales encontra-se esta prece: "Digne-se o Divino Espírito Santo inspirar-me o que devo dizer-vos" (Plus 143). Se o Espírito Santo nos inspirar que devemos escrever e manter a direção por carta, então há de nos inspirar também o que devemos escrever. Porque se sem ele uma direção oral, face a face, não seria fecunda e proveitosa, quando menos ainda tra-

tando-se de cartas!

### 3 — O modo prático (*De Guibert 143 ss; Plus 196*)

a) Quanto ao tempo (frequência das cartas): seria normal cada dois ou três meses, em casos normais. Em situações de dificuldade, por exceção, cada mês;

b) quanto ao estilo, modo de escrever: sóbrio, dar pouco lugar ao sentimento, mórmente tratando-se de religiosas. Por isso evite-se uma linguagem afetuosa, adocicada e não se desça a confidências pessoais;

c) a exposição mostre a gravidade de modo que se possa publicar as cartas, evitando com cuidado tudo que possa ser mal interpretado;

d) sejam breves, o mais possível;

e) cada carta seja autônoma no sentido de não se ligar com a anterior;

f) o assunto seja só para a alma, e para esta alma; por isso deve-se inculcar que não são para comunicar a outros, a não ser um outro diretor a quem mais tarde a alma recorra;

g) Dar ampla liberdade de consultar outro sacerdote, por causa de novas situações que necessitam muitas vezes de respostas urgentes;

h) Evite-se a clandestinidade o mais possível. Pode haver casos de admiti-la, mas sejam raríssimos em vista do prejuízo que causa.

E' portanto um legítimo apostolado. Mas êste precisa de regras de discrição, a fim de que fique apostolado e não perda de tempo causando prejuízo para a alma e o bom nome do sacerdote.

### Conclusão

1 — Eis a nossa atuação espiritual com tôdas as suas modalidades em nossa comunidade religiosa. Talvez possamos ficar assustados de tantas regras, prescrições a observar. Concluamos, em todo caso, que se trata dum verdadeiro apostolado cheio de responsabilidades, porque se trata de almas de elite no Reino de Deus e de predileção de Deus.

Porém, indicando as regras gerais e principais, não será difícil adquirir a devida ciência e de aperfeiçoá-la cada vez mais e com isso, aperfeiçoar nossa competência espiritual. Vejamos assim êste nosso apostolado especializado para o qual queremos nos aperfeiçoar.

2— Em vista espiritual de nosso apostolado queremos firmar nos. so propósito: "Hei de ser apóstolo da vida interior e espiritual em minha comunidade religiosa", propósito que sintetiza tôda nossa influência e missão espiritual.

3 — Ajude-nos o Divino Espírito Santo, alma da vida espiritual para, em nosso apostolado, formar almas interiores e espirituais. Será tanto mais abençoado por Ele êste nosso apostolado quanto mais nós mesmos estivermos debaixo de sua luz e graça e amor, de modo que nossa atuação não seja nada mais do que um transbordamento desta luz



e graça e amor divinos, conforme Santo Tomás: "contemplada aliis trade-re", e assim "nossa comunhão seja com o Pai e seu Filho, no Espírito Santo, em nossas almas e nas almas confiadas a nós".

### Bibliografia:

Directoire des prêtres chargés des religieuses  
Plus, A direção espiritual segund os mestres espirituais  
De Guibert, Theologia spiritualis  
Tanquerey, Compêndio de Ascética e Mística  
Feckes, Die Lehre vom christl. Vollkommenheitsstreben  
Heerincx, Introductio in Theol. spiritualem  
Zimmermann, Aszetik  
(Congresso de Roma, Gregoriana): Problemi attuali della direzione spirituale  
(Congresso de Salamanca) La direccion espiritual  
(Études Carmélitaines) Direction spirituelle et Psychologie (em edição espanhola)

## Aviso às RR. MADRES SUPERIORAS

As RR. Madres Superiores que estiverem interessadas em adquirir o *OFFICIUM PARVUM BEATAE MARIAE VIRGINIS* (têxto aprovado para as Irmãs de Santa Cruz de Menzingen), têxto latino com a tradução portuguesa ao lado, da Editora Marietti, queiram dirigir-se à

**LIVRARIA CULTURAL CATÓLICA**

Caixa Postal, 1748 — *Pôrto Alegre* — RS

Preço: Encadernado (imitação couro) Cr\$ 300,00

Encadernado em couro ..... Cr\$ 500,00

# VOCAÇÕES RELIGIOSAS FEMININAS

*Pe. Belchior Cornelio da Silva, C. M.*

*Reitor do Seminário Maior de Mariana (Minas)*

Muito fez o Santo Padre Pio XII pelo afervoramento e atualização dos Estados de Perfeição. Com sua bênção, muito se fez também neste sentido, durante seu longo pontificado. Poderíamos a este respeito citar, entre outros Documentos e realizações, os seguintes: a Constituição "Provida Mater" (1947), a Constituição "Sponsa Christi" (1950), a realização do I Congresso dos Estados de Perfeição (1950), do I Congresso dos Superiores Gerais (1952), a Encíclica "Sacra Virginitas" (1954), a Constituição "Sedes Sapientiae" (1956), o II Congresso dos Estados de Perfeição (1957), o II Congresso dos Superiores Gerais (1958), a Radiomensagem às Religiosas enclausuradas de todo o mundo (1958), o Instituto Superior de Pastoral, os Institutos Superiores romanos de ciência religiosa "Regina Mundi", "Jesus Magister", as Conferências dos Religiosos.

Neste pequeno artigo, em que reunimos despretensiosamente algumas notas de que nos temos servido para conferências a Comunidades Religiosas, queremos somente lembrar algumas advertências do Santo Padre àqueles que indevidamente afastavam as vocações religiosas de seu caminho e fazê-las seguir de resultados de alguns inquéritos sobre vocações religiosas femininas, os quais, se confirmam a necessidade da admoestação pontifícia, nos revelam também interessantes aspectos do problema do recrutamento das vocações, especialmente das que vêm das fileiras da Ação Católica.

Falando às Superiores Gerais das Ordens e Congregações religiosas femininas, em 1952, dizia Pio XII: "Hoje apenas desejamos dirigir-nos àqueles que, sacerdotes ou leigos, pregadores, oradores ou escritores, já não têm uma palavra de aprovação ou louvor à virgindade consagrada a Cristo; que desde ha anos, apesar das advertências da Igreja e em oposição ao seu pensamento, atribuem em princípio ao casamento a preferência sobre a virgindade; que chegam mesmo a apresentá-lo

como o único meio capaz de garantir à personalidade humana o desenvolvimento e perfeição naturais. Os que falam e escrevem deste modo, devem tomar consciência da sua responsabilidade diante de Deus e diante da Igreja. Devemos colocá-los no número dos principais responsáveis dum fato de que não podemos falar-vos sem tristeza". O Santo Padre referia-se à crise de vocações religiosas. Nova censura aparece na Carta Encíclica "Sacra Virginitas", contra os que "apartam a juventude dos Seminários e Institutos religiosos, esforçando-se por incutir a idéia de que hoje a Igreja tem maior necessidade do auxílio e da profissão da vida cristã dos casados, vivendo no século como os demais, do que dos sacerdotes e das religiosas, que por assim dizer se separaram do mundo pelo voto da castidade. Semelhante idéia é completamente falsa e muito perniciosa". Mais adiante, depois de novamente reclamar contra a influência nefasta destes "maus conselheiros", prossegue o Sumo Pontífice: "Melhor fariam tais conselheiros exortando as inúmeras pessoas casadas a cooperarem nas obras de apostolado, do que teimando em apartar da virgindade os poucos jovens que desejam consagrar-se ao divino serviço".

Um rápido olhar sobre inquéritos realizados nestes últimos anos em torno ao problema das vocações religiosas permite-nos averiguar a oportunidade das advertências pontificias. Entre estes inquéritos citarei os que vêm estampados nas páginas de "Documentation Catholique" (n.º 1272, de 2 de março de 1958) e no Suplemento da "Vie Spirituelle" (1.º trimestre de 1959). Os primeiros referem-se a dioceses da França, Bélgica, Alemanha. A "Vie Spirituelle" dedica 36 páginas à análise de um grande inquérito promovido entre os movimentos especializados da JACF, JECF, JICF e JOCF da França. Mesmo considerado o aspecto relativo e imperfeito de semelhantes estudos, sua leitura seria de grande utilidade para os Superiores e Formadores de Comunidades religiosas. Destacarei alguns dados do inquérito sobre vocações religiosas femininas, feito na Diocese de Coutances, lembrando que só poderá ser avaliado o seu exato sentido, se forem postos em confronto com outros dados do mesmo inquérito que por brevidade não poderei alegar. Assim, em resposta à pergunta: Como nasceu sua vocação? Sob que influências? — apuramos o seguinte:

|     |       |                                            |
|-----|-------|--------------------------------------------|
| 278 | ..... | influência de um padre                     |
| 66  | ..... | retiro ou missão                           |
| 232 | ..... | influência de religiosas                   |
| 140 | ..... | influência da família                      |
| 51  | ..... | influência de leituras                     |
| 8   | ..... | Filhas de Maria, Cruzada Eucarística       |
| 6   | ..... | JACF.                                      |
| 5   | ..... | peregrinação a Lourdes                     |
| 9   | ..... | outros movimentos da juventude             |
| 3   | ..... | filmes sobre Sta. Teresa e Sta. Bernadette |
| 2   | ..... | assistência a tomada de hábito.            |

Note-se que é lembrada também a influência desfavorável de uns 30 padres e de umas 50 religiosas que apresentariam uma idéia deformada da vida religiosa.

A respeito de vocações religiosas vindas dos movimentos da Ação Católica, é particularmente instrutivo o inquérito publicado no Suplemento da "Vie Spirituelle". Convém aliás notar que a Ação Católica Geral, na França, deu por tema à sua campanha anual de 1958-1959 o problema das vocações. Foram distribuídos às equipes três fascículos intitulados: *Vocations sacerdotales*, *Vocations religieuses*, *Vocations d'apôtres laïcs* (cf. "La vie spirituelle", jan. 1959, p. 64).

Dêste inquérito se infere que, sendo de 2.500 a média de entradas para a vida religiosa feminina, na França, cerca de mil vocações provêm dos movimentos da Ação Católica. Estas vocações vêm de todos os setores especializados, sendo que cerca de 40% delas ocuparam cargos de responsabilidades (dirigentes). Dentre 173 testemunhos, somente 2 negam aos movimentos da A. C. toda influência favorável à eclosão e desenvolvimento das vocações religiosas.

Nem tudo entretanto são elogios. Há críticas sobre certa formação unilateral, que insiste demasiado sobre a grandeza do lar e o valor do matrimônio cristão. Diz uma Irmã Cisterciense que militou muitos anos na A. C.: "Nunca na Ação Católica ouvi falar da superioridade incontestável da vida religiosa, do valor da consagração de si própria pela profissão, que é o desenvolvimento em plenitude do nosso Batismo". Neste particular, lembram os depoimentos que houve mudança, após a Constituição "Sponsa Christi". Algumas respostas reclamam também de certa incompreensão da vida interior, insuficiência de formação doutrinal, espiritual e moral, gosto excessivo de independência, autosuficiência e espírito de crítica.

Há notáveis referências à ação favorável da Ação Católica sobre vocações religiosas. Escreve uma Carmelita, vinda das fileiras da JACF: "Nossa sede de absoluto, própria da vida carmelitana, encontrou sua fonte na JACF, e por isso me sinto feliz de poder reafirmar meu respeito e reconhecido apêgo aos que continuam tão belo apostolado". Para uma Dominicana, foi a JECF que a fez descobrir a verdadeira vida cristã e foi a formação aí recebida que a encaminhou para a vida religiosa. Uma Abadessa das Clarissas, depois de lembrar que três de suas Irmãs vêm da JACF, quatro da JECF, uma da JOCF, acrescenta: "Foi o movimento (da A. C.) que preparou nelas esta alma inteiramente dedicada aos outros, em profundidade, trazidas por elas à vida religiosa. Sinto-me feliz por dizer que todas as nossas antigas jacistas, jecistas, jocistas são excelentes religiosas. A direção do Noviciado há dez anos que está confiada a uma delas".

Foi através do contato direto com o Evangelho, através de retiros, recolhimentos, acampamentos, revistas e jornais especializados, que adquiriram estas qualidades que lhes foram tão úteis na vida religiosa:

maior abertura e sensibilidade para com as necessidades do próximo, preocupação apostólica, orientação missionária, esquecimento e dom de si mesmas, consciência do próprio lugar no Corpo Místico de Cristo, responsabilidade em face da salvação dos nossos irmãos, ideal sublime, gôsto da oração, etc.

A Ação Católica, tão magistralmente consagrada, em sequência aos anteriores Pontífices, por S. S. o Papa João XXIII, em recente e memorável Discurso, tem assim, além de tantos outros êste merecimento: não só não impede, mas ao contrário favorece e prepara, quando fiel à sua verdadeira missão, a vocação religiosa daqueles ou daquelas que, alvo de uma graça de predileção, escolheram a melhor parte: "Maria optimam partem elegit, quae non auferetur ab ea".

## JÁ CONHECE A REVISTA GREGORIANA?

Destina-se à divulgação do *Canto Gregoriano*, com estudos bem orientados; oferece também sólidos artigos sobre a *Sagrada Escritura*, a *Liturgia* e assuntos relacionados com a *Cultura Religiosa* útil a todos. É indispensável ao cantor de Igreja que queira realizar a palavra de São Paulo: "*Cantarei com o espírito, cantarei também com a inteligência*" (I Cor 14, 15).

Assinatura de janeiro a janeiro: Cr\$ 120,00 — Bimestral

**Instituto Pio X do Rio de Janeiro**

Rua Real Grandeza, 108 — Tel. 26-1822

*Rio de Janeiro* (Botafogo)

## EM CRISE A EDUCAÇÃO RELIGIOSA MODERNA?

*P. Otorino Fantin SDB (S. Paulo)*

Uma das tantas coisas da época atual é a de ver crises em tudo! E crises agudas! Não queremos furtar-nos ao **slogan** comum, ao modo fácil de resolver com semelhante palavra os problemas da educação. Pedimos emprestado, muito embora, algum vocábulo que a inconsciência intelectual de uns tantos esvaziou de conteúdo e significação. A Pedagogia atual e os problemas educacionais apresentam-se, vêzes muitas, com a chancela da **unilateralidade**.

### **Causa da crise**

Desde porém, que o fim principal da Educação e também da Escola — como meio muito eficaz de formação — é plasmar caracteres humanos, dignos de sua condição e de seu destino eterno, jamais se conseguirá realizar este plano de trabalho onde reina a **unilateralidade**. É claro que o processo parcial, exclusivo, se opõe à formação do caráter do educando, pois é sabido que o **caráter** é essencialmente **unidade, concentração** de forças, **consciência** de valores.

Muitas formas de educação e de ensino estão ainda, em pleno século XX, em patente contraste com a **essência** do caráter. As revistas que tratam de pedagogia e educação ou da técnica do ensino apresentam uma variedade caótica de propostas, de sugestões, de soluções que visam alguns aspectos parciais e muito secundários da formação. Os fatos patenteiam que há falta profunda de ideais claros e globais da vida humana.

A mesma civilização que nos envolve e quase escraviza, ressen-te-se imensamente destas concepções incompletas. Há extraordinária e pujante expansão de energias, mas não se encontra a preocupação da **concentração**. Muita coisa dispersa, nenhum esforço de unidade na multiplicidade. A vida se despedaçou em inúmeros fraccionamentos, em espantosa multiplicidade de interesses. Onde está o elo de união com as verdades básicas, as que devem vivificar, elevar e formar? Verdades

que deveriam unir as coisas esparsas, e formar um centro espiritual que satisfaça às aspirações do homem. O fato talvez seja tão decisivo que se verifica no meio dos educadores católicos a perda paulatina da **inspiração** para a totalidade da vida de apostolado formativo. Com esta deficiência geral, desaparecem também as aspirações particulares, por isso falta a medida do justo, o equilíbrio, a subordinação aos valores máximos, que são afinal os mesmos impulsionadores de toda aspiração ao sentido reto da vida. O modo moderno de viver é resultado das idéias que reinam. Quanta confusão mesmo entre os educadores católicos! Porque se deve falar em educadores liberais, intransigentes, modernos, atrasados?

### Falta de finalidade total

Se olharmos também para a escola moderna, e tecnicamente falando, para a organização cultural do ensino básico, poderemos averiguar as mesmas deficiências.

E' patente que não está a serviço de uma finalidade de **aperfeiçoamento total** do homem. Tornou-se muito unilateral, uma instituição que visa de preferência o desenvolvimento de capacidades ou aptidões especializadas, com fins de luta, para conseguir-se posições chaves ou avançadas na vida. Claro está que surjam antagonismos entre a educação do homem em suas exigências específicas e a educação da escola.

Evidentemente a culpa não pode ser atribuída com exclusividade aos mestres ou aos educadores. Isto seria monstruoso! Muita culpa cabe à técnica abstrata exterior que infelizmente conseguiu sobrepujar os interesses interiores e superiores do homem. A reação para um estado de coisas mais humano deve partir dos educadores católicos, e será tanto mais eficaz, quanto mais elevadas fôrem as aspirações no desempenho do ideal educativo.

Se a formação que recebem os educadores, como treino e preparação à missão formadora da juventude, visar imbuí-los de nobres ideais, será fácil proporcionar aos educandos meios aptos para uma formação total de sua personalidade. E onde os ideais coincidirem, haverá maior probabilidade de debelar-se o velho sistema de educação ou escola meramente formalístico. A própria **Instrução** será colocada numa base e num plano de aplicação universal, para corresponder a todos os aspectos da vida do homem de amanhã, com suas necessidades prementes, e suas exigências insuprimíveis.

### O perigo das técnicas particularizadas

O fracasso dos processos educacionais e do ensino estribados exclusivamente sobre o tecnicismo externo da vida e sobre a ciência como tal, deve orientar os educadores para o trabalho de proporcionar à ação

educativa e ao magistério um **sentido novo**, um novo espírito, que esteja próximo da realidade, do desejo e da natureza estrutural da vida moderna. A educação, assim tomada, é vital, é global e corresponde à formação integral do homem.

O **ponto-chave** está no fato de o pedagogo saber interpretar e compreender o verdadeiro valor de sua missão e de capacitar-se de que quaisquer recursos da ciência, da técnica ou de suas próprias capacidades profissionais de nada valem, se não estiverem subordinados a um fim superior, que se chama formação do “**caráter**”.

Parece que não se dá muita importância ao fator **integral** na educação. Os educadores católicos ou os pedagogos espiritualistas do passado, dão a impressão de se não ter esquecido da relevante importância do fator **ideal** na atividade formadora.

Cientes de que a multiplicidade de interesses pode prejudicar a formação do caráter, procuram reagir contra a tendência de dispersão, apresentando um ideal unificador, ao redor do qual convergem quer a ação, quer os meios empregados pelo Educador.

Já **Comênio**, em sua obra “Didactica magna” considerava a multiplicidade no campo educativo como responsável pelas deviações do caráter, desejando que o educador fôsse um **organizador espiritual** que sabe hierarquizar as coisas de acôrdo com o fim principal da vida humana. Não pode haver verdadeira educação onde falta a capacidade de se distinguir na vida aquilo que é essencial, daquilo que é acessório e secundário. Como não logrará obter um bom caráter quem não tiver força em sua existência para manifestar e respeitar esta distinção. Estes conceitos poderiam parecer irônicos, desde que a tendência de uma falsa liberdade arroga a todos indistintamente o direito de constituir-se mestres e guias no trabalho de educação. Não nos admiremos que os frutos sejam tão nefastos hoje!

### Necessidade de um trabalho de síntese

Ninguém pode negar que os estudos no campo pedagógico e do ensino tenham trazido um enriquecimento teórico apreciável, grande variedade de planejamentos, de sugestões, de projetos ideais, de experiências instrutivas e críticas sensatas e construtivas que aos poucos poderão debelar os erros do passado. Pecam, porém, pela unilateralidade de solução.

Assim, por exemplo, na prática do Ensino — que entra também no campo da formação humana e integral — pode-se averiguar uma forma de **cultura estética**, onde o culto da beleza se separou dos interesses superiores do espírito, apesar das aparências de profundidade, que na realidade muitas vezes levam ao vício e à lubricidade.

Uma **super-estrutura** de **cultura esportiva** levou a exageros morbosos, a deviações profundas do espírito, e à inegável desvalorização dos



elementos primordiais do homem, porque não se soube aliar o justo equilíbrio do humano com as exigências da **cultura espiritual**.

Existe ainda uma **cultura erótica**, onde a vida de afetividade degenerou profundamente, baixamente, porque se divorciou das leis eternas de uma vida verdadeiramente pessoal, e tornou o homem um fragmento de sensações amorosas, quando deveria tê-lo salvo e ensinado a unir as paixões mais veementes com a personalidade total do homem.

Temos uma **cultura do trabalho** que se tornou atividade sem alma, agitação estonteante, porque se concebe o trabalho como finalidade a si mesmo, e nêle falta uma subordinação natural à oração. Porque separou o "ora" do "labora"? Por um erro de visual.

Pode-se ainda verificar a existência de uma **cultura da inteligência** na qual o intelecto está ausente da vida total da alma e segue caminhos unilaterais, sem orientação para uma consciência da vida de responsabilidade, de virtude e de sacrifício...

### **Aderência e coerência à verdade**

No campo pedagógico e educacional não é raro ouvirem-se afirmações que fazem pensar nas teorias lombrosianas. Tanto na vida prática, como na vida moral, fala-se com complacente intencionalidade, quase lugar comum de desculpas, de neurastenias, de complexos desfuncionais, quando as potências se subtraem ou opõem ao centro espiritual da vida humana. Mesmo na vida cultural fala-se de doenças, de anomalias, quando os esforços particulares se afastam da verdade central, quando não colimam com os bens supremos da alma. Se transferirmos para a esfera da formação este estado lamentável de conceitos e praxes, de desorganização espiritual, é claro que dentro de poucos anos teremos uma geração de indolentes, de gozadores, de incoerentes e desalmados. Falta em tudo isto um ideal de formação, uma objetividade de orientação que adira às exigências do espírito, da inteligência, da vontade, numa palavra: do homem total!

Talvez a mesma educação que como católicos e religiosos damos se ressinta destes males. É sinceridade reconhecê-lo. Porque nos admirar se os alunos ou ex-alunos das escolas e educandários católicos apresentam carência de caráter, vida desorganizada, pouca elevação moral? Porque estranharmos se muitos deles não sabem submeter a matéria à alma, a técnica ao amor, a intolerância à compreensão humana, a ciência à consciência? Certamente uma educação parcial levará a crescer o número dos tipos deformes, infelizes, desorientados. O número das almas atordoadas e indecisas, é a expressão de uma multiplicidade de interesses antagônicos que destroem o caráter, porque potenciados de maneira unilateral. Felizmente nem todos educam deste modo, louvado seja Deus!

### **Olhar para o homem total**

Um caso prático. Para que serve a aprendizagem do Catecismo

se o ensino da História apresenta os fatos humanos como simples sucessão casual, como exaltação do destino, da astúcia dos homens? Qual será a utilidade da instrução moral se os exemplos dos textos exaltam tam os vícios, focalizam situações duvidosas, apresentam um sentido ambíguo ou incerto?

Dêstes exemplos pode-se passar ao campo educacional, como tal, e encontraremos os mesmos erros a reclamar uma ação saneadora em regra. Muitos institutos ou instituições de educação pecam pela unilateralidade. Não formam cristãos integrais: há sempre latente a preocupação de salvar determinados cânones particulares, que dificilmente, por si só, podem introduzir o homem no quadro da vida real. As crises são sempre fruto de parcelamento. Se houver crise na educação religiosa, deve-se ter por certo que houve fraccionamento no campo do espírito.

O remédio é um só: voltar à educação integral. Tomar o educando como um todo orgânico que deve crescer e frutificar para o seu ideal, que é a perfeição própria.

## ARTE SACRA

CRUCIFIXOS PINTADOS - PARAMENTOS - BANDEIRAS - ESTANDARTES

Perfeita execução de Diplomas para:

Batizados — 1.<sup>a</sup> Comunhão — Crisma — Casamento

*Pinturas — Desenhos para qualquer clichê — Restauração de imagens e objetos antigos, etc.*

*Dirija-se às*

MONJAS BENEDITINAS

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

Rua Visconde do Rio Branco, 68

Uberaba — Minas Gerais.

## "O SENTIDO DA VIDA" (\*)

*Pe. Bertrand de Margerie S. J.*

*Diretor do Departamento de Vocações*

Como aproveitar duma maneira segura as descobertas da psicologia moderna para dirigir almas, e, em primeiro lugar, para se guiar a si mesmo? Como distinguir, no labirinto das obras psicológicas de nossos tempos, o que pode ser integrado no tesouro antigo e novo da sabedoria cristã? O que podemos apresentar de valioso àqueles que, experimentando a sedução da psicologia materialista ambiente, anseiam por uma apresentação nova e enriquecida dos dados clássicos?

Faz já mais de um ano que um jovem franciscano do Salvador se encarregou de responder com excepcional brilhantismo às nossas perguntas. Refiro-me ao Padre Frei Valfredo Tepe. Descortinando a nossos olhos deslumbrados não só as profundidades, mas ainda as alturas da nossa alma, o filho do Poverello presenteou com uma rica dádiva o escol católico do Brasil: "o sentido da vida" facilitava a cada um de nós "a completa realização de si-mesmo, pela união com Cristo" (1), pondo ao serviço de Jesus Cristo a força conservadora de nossa "agressividade", como o dinamismo propulsor de nosso amor.

Não é de espantar que o livro já tenha chegado à sua terceira edição: por toda a parte se ouve falar da obra do professor da Bahia, e os raros que ainda não a abriram já ficam envergonhados; aqueles que cederam à tentação de ler o livro sentiram confusamente que o Pe. Tepe se tinha agregado ao grupo destes autores cuja leitura se impõe a quem quer participar do apostolado da Igreja no Brasil: o P. Lionel Franca, Dom Estevão Bettencourt e o P. Frei Boaventura Kloppenburg. E, muito particularmente, aos educadores das consciências.

Se o Autor destinou o livro "a todos aqueles que unissem, a certo nível de cultura geral, o desejo de uma orientação dinâmica na vida

---

(\*) Pe. Frei Valfredo Tepe OFM. "O Sentido da Vida", Salvador, Edit. Mensageiro da Fé, 1959. 264 págs.

1) opus laudatum, p. 167.

interior", precisamos logo que este nível de cultura geral pressupõe em particular uma certa iniciação à psicologia moderna (2) que o Autor não pretende fornecer (não definindo por exemplo o termo "abreação") e que esta "orientação dinâmica da vida interior" significa no leitor a busca não de qualquer nível de vida cristã, mas desta perfeição de caridade sobrenatural que termina e condiciona o "dinamismo da vida interior" (3).

A difusão do livro seria ampliada pelo aparecimento, na próxima edição, dum léxico das palavras técnicas; a sua utilização facilitada e incrementada por um índice dos textos bíblicos, cujas interpretações originais constituem uma, e não a menor, das numerosas riquezas do volume. Algumas exatidões sobre o sentido de certos parágrafos, que indicaremos no decorrer desta apreciação, permitiriam entregar o livro sem inconveniente mesmo àqueles que, não tendo ainda chegado à vida unitiva, seriam demasiado inclinados a um prematuro "ama et fac quod vis"...

O trabalho do P. Tepe não pode ser resumido sem ser terrivelmente empobrecido; só uma leitura atenta revelará a riqueza variada dos matizes, das imagens e das idéias. Pretendemos aqui somente mostrar a concatenação dos grandes temas do livro, ajudando assim o leitor a sintetizar os pensamentos e os valores derivados da leitura. Apresentaremos este esboço de síntese à luz das exigências duma boa saúde psíquica.

**Primeira tese:** A saúde psíquica supõe a efetiva aceitação da nossa natureza humana, no seu aspecto corporal como no seu aspecto espiritual, e, através dela, do plano da Divina Providência sobre a nossa existência criada. Este plano integra a permissão divina dos nossos pecados passados, permissão que devemos aceitar no presente, ao mesmo tempo que, pela contrição, e sua negação construtiva, negamos o caráter negativo e pecaminoso de nosso pecado passado. Positivamos assim o presente negando uma negação passada.

Noutras palavras, a boa saúde psíquica supõe indissolúveis a aceitação do fato histórico irrevogável do pecado (por exemplo a violação consentida duma môça) passado, e a condenação do caráter pecaminoso do ato (4).

Inversamente, a não-aceitação quer do corpo quer da alma, a revolta perante o plano providencial que eles exprimem, ou perante o fato histórico irrevogável do pecado passado, ou a recusa de condenar o seu caráter pecaminoso, constituem fontes de nevrose e de desequilíbrio psíquico.

2) Prefácio da Segunda Edição, p. 9.

3) Ibidem.

4) p. 27.

**Segunda tese:** o dinamismo primário da alma não é o instinto do prazer sexual (Freud) mas o amor indiferenciado do bem objetivo, o prazer sendo somente o repouso subjetivo nêste bem. Por conseguinte, as atividades do psiquismo superior (inteligência e vontade) não são a necessidade sexual instintiva descarregando-se por meio duma **sublimação**, mas uma **canalização** da energia psíquica indiferenciada, disponível para todo e qualquer bem, pelo meio duma **escolha** significando necessariamente **renúncia** (5).

A tarefa principal do homem é: canalizar as energias na direção do seu aperfeiçoamento real, por meio duma vigilância constante sôbre o instinto sexual que exprime a necessidade de comunicação do homem com o meio exterior, e sôbre a tendência agressiva, mais forte ainda por exprimir o instinto de conservação, a inclinação a se fazer valer. Nesta dupla vigilância, uma nova fonte de energia vem em auxílio do espírito enfraquecido pelo pecado original: a graça de Deus (6).

Logo, não há boa saúde psíquica sem domínio do instinto sexual e da tendência agressiva por meio de renúncias sem escolha dos objetos amados em conformidade com o destino do homem. A boa saúde psíquica não exige sublimação do instinto sexual, mas canalização do amor do Bem e dominação do instinto sexual. **A boa saúde psíquica exige colaboração com a graça divina sem a qual esta canalização e esta dominação não são possíveis.**

O Padre Tepe escreve: "o primeiro livro do homem é aceitar seu potencial limitado e usá-lo conscientemente"; Santo Tomás dá seu pleno sentido a esta frase, dizendo que o primeiro ato de liberdade posta por um sêr humano na sua vida histórica consiste na tomada de posição perante o Fim último e na escolha dos meios aptos a atingí-lo (7).

Os pais ansiosos da boa saúde psíquica dos filhos prepararão êste primeiro ato livre da criança de tal modo que ela escolha o verdadeiro e único Fim último, Deus, e não uma finalidade inferior ou egoísta, no seu primeiro ato de liberdade no amanhecer da vida consciente.

**Terceira tese:** a boa saúde psíquica exige a adaptação à vida social, impossível sem um **ideal individual**, realizado pela imitação dos heróis escolhidos, duma maneira progressiva, levando em conta as limitações individuais. Sem um ideal individual, dinâmico, concretamente realizável, não há nem adaptação social, nem saúde psíquica. "A ausência de ideal resulta em incapacidade de se adaptar à vida social... É responsável também pela despersonalização do homem" (8).

Tese justa, inegável. Contudo, duas orientações que o Autor relaciona com esta tese nos parecem muito contestáveis.

5) p. 52.

6) p. 61.

7) p. 56.

8) p. 73.

“A maneira mais certa de desencontrar a vontade de Deus é querer fazer da própria vida cópia de outra — embora seja de santo” (9). Se o A. entende por cópia uma imitação mecânica, não levando em conta as possibilidades e circunstâncias existenciais do imitador, estamos inteiramente de acôrdo. Mas se uma pessoa deseja reproduzir no máximo do possível, dentro do quadro existencial e caracterológico da sua própria vida, o esquema espiritual, não só exterior mas ainda interior, da vida dum santo determinado, parece-nos que isso seria muito bíblico (“sêde meus imitadores, como eu o sou de Cristo”, escreve São Paulo aos Coríntios, I Cor 11,1) e conforme à tradição da Igreja, que canoniza os santos precisamente com êste fim de apresentar modelos ao povo cristão encaminhado na direção da perfeição. Para fugir ao perigo duma imitação artificial, “nossa devoção se dirigirá sobretudo aos Santos que viveram na mesma condição que nós, ocuparam empregos semelhantes e praticaram a virtude que nos é mais necessária” (10). Talvez se possa mesmo dizer que pelo desenvolvimento do culto dos Santos, a Igreja mostrou ter compreendido muito antes de Freud e da psicanálise “o papel essencial e universal da tendência de imitação” (11).

Uma outra orientação nos faz dificuldade: “Se santidade consiste no perfeito cumprimento da vontade de Deus e se esta Vontade se manifesta diferente em cada vida individual, segue-se que não se pode aprender a santidade... As artes, sejam mecânicas ou liberais, podem aprender-se... Mas não se aprende santidade. Aqui não há técnicas, fórmulas, receitas prontas, não há metodologia. Santidade não se aprende, exerce-se” (12).

Se o A. quer dizer que, na vida espiritual, as técnicas e a metodologia nunca nos dispensarão da doação íntima da nossa liberdade a nosso Criador, de acôrdo. Mas a expressão do A. é pelo menos ambígua, poderia ser interpretada como condenação das escolas espirituais que, com aprovação constante da Igreja, ensinam métodos para rezar e submeter-se à Vontade divina: o método de S. Sulpício, os vários métodos propostos por Santo Inácio nos Exercícios espirituais (“os”, porque não podem ser reduzidos a um só). Mais ainda o próprio magistério da Igreja, na Encíclica “Mens Nostra” de Pio XI sobre os Exercícios espirituais, em 1929, parece ensinar a importância, secundária, é verdade, mas contudo não desprezível, dum bom método para chegar ao cume da santidade: “Depois de a Providência de Deus ter suscitado já na sua Igreja muitos varões... insignes como diretores abalizados da vida espiritual, os quais

9) p. 81.

10) Ad. Tanquerey, P.S.S.: “Compêndio de Teologia Ascética e Mística”, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1940, § 181, p. 125. Ver também o § 182.

11) Tepe, “Sentido da Vida”, p. 75.

12) Ibidem, p. 81.

prescreveram sábias normas e propuseram **métodos excelentes** de ascética, extraídos não só da revelação divina, mas ainda da experiência própria... apareceram os Exercícios espirituais propriamente ditos... A unidade tão harmoniosa das suas partes, a maravilhosa e lúcida ordem com que nas meditações se vão sucedendo umas às outras as verdades, os documentos que levam o homem pelo seguro atalho da abnegação até às alturas mais sublimes da oração e do amor divino, tudo isto mostra de sobejo a força e a **eficácia intrínseca do método** de S. Inácio" (13). A palavra "methodus" encontra-se mesmo no texto latino.

Isso significa: o Senhor não é Deus de confusão mas de Ordem; o caminho que conduz a Ele comportará um conjunto de passos distintos, um progresso ligando um ao outro.

**Quarta tese:** as paixões em si são dinamismos psíquicos intencionados e criados por Deus. Contra o estoicismo, "faz parte da perfeição humana que as paixões sejam assumidas e controladas pela razão" (14): a vida passional faz parte integrante da natureza humana que um Deus sem paixões quis. "Pertence à perfeição do bem moral que o homem se mova em direção do bem, não só com a vontade, mas também com as tendências sensitivas" (15).

**Jesus não exige nenhum "recalque" mas muitas renúncias, não exige a supressão, aliás impossível, das paixões, que Ele mesmo criou, mas a ordenação, e boa utilização delas** (16). O papel das virtudes morais de castidade e mansidão não é: destruir o instinto sexual, exprimindo a necessidade de comunicação, ou o agressivo, exprimindo a autodefesa, a conservação de si-mesmo, mas ordenar e submeter à razão e às inspirações divinas a esfera sexual e a agressividade, sem excluir contudo uma suspensão momentânea do uso da razão. Os "espiritualistas" exagerados ficarão espantados de saber que Santo Tomás, que tanto enaltece a reta razão, está longe de ser racionalista, admitindo que o intenso prazer lícito dos cônjuges obscureça em certos momentos o uso da razão, como também uma justa cólera.

Em suma, não se trata de suprimir, mas de integrar uma vida passional dominada pela justa razão, penetrada pela luz universal da razão. Por meio dum contróle vigilante, com a ajuda da graça divina, da fantasia e da sensibilidade humanas (17).

O Padre Tepe, com toda razão, sublinha estes pontos com particular energia. Aqui se encontra com o célebre mestre espiritual domi-

13) Pio XI, Encíclica sobre os Exercícios Espirituais, 1929; na edição de Vozes, documento Pontifício no. 11, § 16 e 34, sobretudo 33.

14) Santo Tomás citado pelo P. Tepe, p. 102.

15) Idem, ibidem, p. 103.

16) P. Tepe, p. 108.

17) p. 149.

nicano, o P. R. Garrigou-Lagrange, na sua obra prima: "Les Trois Ages de la Vie intérieure" (18).

Faremos, a respeito desta quarta tese, três observações e uma pergunta. As observações prolongarão o pensamento do autor.

a) Ótimas sugestões concretas, a respeito do **contrôle da fantasia** preconizado pelo Autor, foram feitas pelo sexólogo francês, o Dr. Paulo Chanson: êle recomenda a "**visualização simbólica**" (contemplação imaginativa do conjunto e de todos os pormenores do objeto escolhido por sua significação simbólica: lírio, ovelha, casa, paisagem, projetando no plano do visível o problema que se põe no plano do invisível), o **cinema mental** (com o fim de eliminar imagens parasitárias, representação dum conjunto bem ligado de imagens oportunas da vida passada do sujeito) e a **polarização afetiva** (apêgo a um objeto cuja vista e cujo toque polarizam automaticamente tais e tais sentimentos que se trata de entreter, estimular ou despertar: vela da família, veu da religiosa, anel dos cônjuges etc. (19). Nenhum dêstes três meios exclui o outro; o beijo do anel conjugal (agora indulgenciado no dia das bodas, quando acompanhado duma pequena oração jaculatória) pode desencadear a representação do filme mental da lua de mel e do noivado, por exemplo.

b) "**normal é o santo**", escrevia Viana Moog citado pelo Padre Tepe (20). Para Durkhem e muitos sociólogos, são normais os fatos que ocorrem na maioria dos casos. Os filósofos escolásticos, na linha de Aristóteles, ensinam que o normal é o que ocorre em conformidade com uma natureza essencialmente boa, ordenada ao bem; a anomalia consiste em não atingir o seu fim, a sua razão de ser, mesmo se isso é o caso da maioria. Aristóteles, ecoando uma observação comum, dizia que o mal, na espécie humana, é o que acontece o mais freqüentemente: não concluiu, contudo: o mal é normal, o bem patológico! Não assim. Mas "**normal é o santo**", porque êle realiza o seu fim, mesmo se fôr julgado anormal pelos pecadores! (21)

c) o Autor observa que é preciso "relaxar tensões ou abreagir resíduos psíquicos acumulados no organismo". "Isso vale tanto a respeito da tendência sexual como da tendência agressiva". No caso da ira, o P. Tepe sugere, quando fôr possível, uma abreação física (bater na mesa com os punhos, gritar numa praia deserta), e, de todos os modos, uma "abreação emocional", que será, quer uma "transferência" no decorrer do tratamento psicanalítico, pela qual emoções recalcadas de afeição ou

18) R. Garrigou-Lagrange, op: "Les Trois Ages de la Vie intérieure", Cerf, Paris, 1951, t. I, pp. 441-4 sq.

19) Paul Chanson. "Pour la santé du corps et de l'esprit" com o sub-título: "Manuel élémentaire de culture psycho-physique", Spes, Paris, 1953; capítulo 9, "l'imagination dirigée".

20) P. Tepe, p. 170.

21) cf. pp. 167-8.



ódio se tornam conscientes e dirigidas à pessoa do psicoterapeuta (22), quer, fora dêste tratamento, o "desabafo das emoções junto a um confiante compreensivo e discreto" (23). A abreação seria necessária para evitar um "esgotamento nervoso"; não "descarregar esta tensão fisiológica pode causar prejuízo à saúde" (24).

Notemos que a instituição da direção espiritual sempre teve como fim parcial permitir êste desabafo emocional com o mínimo de risco e o máximo de vantagens. Por outro lado, pensamos com o P. Tepe que o esporte é um ótimo meio de abreação física, descarregando a tensão sexual ou agressiva. Trata-se de operar uma transposição da energia psíquica, transferida dum domínio onde sua atuação seria nociva a um outro setor mais benéfico. No tocante à agressividade, é preciso, segundo uma expressão do filósofo francês Jean Lacroix, " pô-la ao serviço do amor". O que não quer dizer, mais uma vez, suprimi-la, mas transpor a sua atuação. É porisso que o P. L. Beirnaert, sj, psicólogo jesuíta conhecido na Europa, escreveu, comentando aquêle mesmo trecho do discurso de Pio XII aos psicoterapeutas citado pelo P. Tepe, que era preciso estender ao domínio da manifestação da agressividade inconsciente o que Pio XII dizia a respeito do despertar das representações sexuais: " não se pode considerar, sem mais nada, como lícita, a evocação à consciência de tôdas as representações, emoções e experiências sexuais (e, acrescentamos, agressivas) que dormiam na memória e no inconsciente, e que se realizam assim no psiquismo" (25).

Semelhantemente, seria ilícito desabafar uma cólera injusta contra até agora por motivos de conveniência social, ou exagerar na violência do desabafo duma justa ira. E quem é que não vê quão facilmente poderiam ocorrer êstes abusos, sobretudo no caso daqueles que os caracterólogos chamam "coléricos"? Para êles, parece mais aconselhável a estratégia sugerida por S. Francisco de Sales, êste Boanerges que se tornou modelo de feliz doçura:

"É melhor empreender viver sem ira do que querer usar moderada e sãbiamente da ira... Quando nos vemos agitados de cólera, mister se faz **invocar o socorro de Deus** mas doce e tranqüilamente, não com violência... Quando percebeis ter cometido algum ato de cólera, logo desagravai a culpa por um ato de doçura, exercido prontamente para com a mesma pessoa contra a qual vos irritastes... É um bom remédio contra a cólera repará-la logo por um ato **contrário** de doçura... Quando estais tranqüilos, sem nenhuma matéria de cólera, fazei provisão de doçura, dizendo tôdas

22) p. 145.

23) p. 155.

24) p. 143.

25) Usamos aqui de preferência a tradução da REB, "Revista Eclesiástica Brasileira", 1953, p. 484.

as vossas palavras e fazendo tôdas as vossas ações da mais doce maneira que fôr possível,... não basta ter palavras doces para com o próximo, é ainda preciso ter manso... o interior da alma" (26).

Na linguagem do P. Tepe, poderíamos traduzir assim o pensamento do Doutor francês: "a minha resposta mansa desarmará a minha ira, e não sòmente a ira dos outros; a minha doçura **ativa**, e manifestada por **atos externos**, dissolverá como por encanto a agressividade que tinha acumulado; não haverá mais necessidade da abreação física, de dar gritos ou bater uma porta, ela terá sido substituída por uma **abreação emocional de transposição**, que se poderia também chamar "**abnegação**", ou abreação de mim contra mim-mesmo"... (27). Assim se verifica duma maneira inesperada o princípio de Nuttin: "a inquietude mais ou menos difusa que acompanha a necessidade erótica, como muitas outras necessidades psico-fisiológicas (acrescentemos: a necessidade agressiva) parece poder acalmar-se por uma satisfação qualquer", mesmo pela satisfação do sacrifício ativamente assumido e oferecido. A necessidade dum descarregamento emocional de tipo agressivo, também fisicamente exprimido, não parece compatível com a segunda tese de P. Tepe: a energia psíquica é indeferenciada, disponível para todo e qualquer bem, pelo meio duma escolha significando necessariamente renúncia, duma **canalização da agressividade**, em nosso caso (28)...

A psicologia moderna precisou muito o alcance e a facilidade dos "remédios preventivos" de tolerância e humildade assinalados pelo P. Tepe: pensemos na "terapia não-diretiva" empregada com tanto êxito nos Estados Unidos, e na técnica que ela supõe das "respostas-espelhos" (29).

d) Há um outro espelho, não mais social, mas pessoal, ao qual alude o P. Tepe: o exame de consciência: "usemo-lo com sobriedade. Não façamos do exame de consciência uma seção de contabilidade. Contabilizando os progressos, os resultados, as vitórias, as faltas, os merecimentos e as indulgências, que é que ganhamos? Talvez maior vigilância. Mas, muitas vezes, perdemos em simplicidade... a vida fica torturada, artificial, e não raro podem apresentar-se sintomas perigosos: bela presunção farisaica, desilusão amarga, ou grande depressão; pois vida não se mede, e vida sobrenatural ainda menos... Abramos as janelas para o próximo, e a porta para Deus..." (30).

Com certeza, sem o saber, caro P. Tepe, o senhor atacou ...um

26) S. Francisco de Sales, "Introdução à Vida devota", Terceira Parte, Capítulo 8.

27) Tepe, p. 158.

28) cf. a "segunda tese" do P. Tepe.

29) cf. Curran, "Counseling in Catholic Education", New York, Macmillan, 1951; sôbre o mesmo assunto, o leitor encontrará também indicações no capítulo de Nuttin "Psicanálise e Personalidade", Agir, Rio, 1955, sôbre a terapia não-diretiva.

30) Tepe, pp. 133-4.

método encomendado por Santo Inácio nos Exercícios espirituais (31) e logo pela própria Igreja que os aprovou, sem jamais pretender que o uso de tal ou tal destes Exercícios fôsse necessário para todos. O Autor e o leitor não acharão mal que um jesuita defenda e explique o sentido, o alcance e utilidade espiritual da "contabilidade" do exame particular. Pondo ao serviço do amor a sua legítima agressividade, não é, Padre Tepe?

Concedamos em primeiro lugar que os escrupulosos não devem fazer este "exame particular", "contando" quedas e vitórias no domínio mesmo do seu escrúpulo.

Isso dito, sublinhemos com Tanquerey o fundamento "psicoteológico" da contabilidade da luta contra o defeito dominante e pela aquisição da virtude oposta: "a facilidade de exercer as virtudes infusas (morais) se adquire pela repetição dos mesmos atos, que permite operar com maior prontidão, facilidade e prazer" (32). Ora, esta repetição é facilitada pela atenção que supõe e promove a numeração escrita. Mais profundamente, "a graça atual, que nos é outorgada com tanto mais liberalidade quanto mais fielmente a ela correspondemos, vem também facilitar a nossa tarefa e fazer-no-la amar" (33).

Como se exprimiu o P. Garrigou-Lagrange (e nenhum jesuíta, talvez, justificou melhor o "exame particular" do que este célebre dominicano): "é mais fácil rir sem fruto deste método do que aplicá-lo frutuosamente"! E ainda: "Se contamos o dinheiro gastado e o recebido, é mais útil ainda saber o que perdemos ou lucramos, do ponto de vista espiritual, para a eternidade" (34).

Mas, dizia o P. Tepe, "vida não se mede, e vida sobrenatural ainda menos"! Distingamos: a graça não se mede, mas a nossa colaboração consciente e livre com ela, ou, ao contrário, a nossa resistência à graça, pode se medir e avaliar. Isso será sobretudo útil aos principiantes, na vida purgativa, como observa o P. Garrigou-Lagrange: contudo, pode ser útil mesmo na vida unitiva, como vemos pelo exemplo de Santo Inácio mesmo, que, geral da Companhia de Jesus, em Roma, já elevado ao cume da vida mística, continuava a notar diariamente os resultados do seu exame particular.

Perigos de presunção e de desilusão? Sim, com certeza, porque o orgulho humano consegue abusar das melhores coisas! Mas o abuso duma coisa boa não condena o uso dela; torna-se simplesmente necessário tomar algumas precauções para evitar cair neste abuso. O próprio P. Roothaan, no seu conhecido comentário dos Exercícios de S. Inácio, escreve: "talvez nenhuma coisa costume mais impedir o fruto sólido do exame particular,

31) Santo Inácio de Loyola, "Exercícios Espirituais", § 24-31.

32) Tanquerey, opus citatum, § 1002.

33) idem, ibid.

34) Garrigou-Lagrange, opus citatum, Tomo I, p. 435. Todo o capítulo sobre "le défaut dominant", pp. 428-39, é notável.

do que aquela secreta e não bastante observada presunção pela qual nós confiamos em nossos propósitos e indústrias, ao passo que toda a nossa suficiência vem de Deus”.

Sim, Padre Tepe, “abramos a janela para o Próximo, e a porta para Deus”: precisamente, como regra ordinária, nenhum meio será tão eficaz para conseguir este resultado de justa “extroversão” como o exame particular, pelo qual atacamos de frente os defeitos que impedem nossa união com outros ou com Deus, e em particular o nosso defeito dominante, que não pode deixar de ter conseqüências em nossa vida social e teológica. Bem compreendido, o Exame Particular estimulará o nosso ardor nesta dupla direção; “comparando as perdas e os ganhos, sente-se o homem levado a redobrar de esforços para aumentar estes e diminuir aquelas” (35). Normalmente, estas comparações numéricas não produzem desânimo, porque a gente sabe que, sem o exame particular, as quedas seriam muito mais numerosas, e gosta de poder humilhar-se pela visão nítida das suas derrotas momentâneas, escapando assim à presunção... Sobretudo a gente não desanima porque as comparações numéricas são um aspecto secundário do Exame particular, cujos elementos essenciais comportam, com o arrependimento e o firme propósito, a oração: “a originalidade” de Santo Inácio “é ter-nos oferecido um meio admiravelmente concertado para intensificar este arrependimento, avivar esta oração e reforçar este firme propósito” (36). Agora vem nossa pergunta, Padre Tepe: queremos saber se estas explicações respondem suficientemente às suas objeções, e se o senhor admite agora que o exame particular possa ser útil ao cristão normal, mesmo nas suas “comparações numéricas”.

**Quinta tese:** a virtude de temperança não implica desprezo ou fuga completa de todos os prazeres. É um fato que **ninguém pode viver sem ao menos algum prazer sensível** ou corporal, por ser o prazer repouso subjectivo no bem (aqui dos sentidos ou do corpo). Há uma virtude de brincadeira, conforme o próprio Doutor Angélico. O valor moral da ação humana é determinado essencialmente pelo objeto ao qual se dirige, pelo bem em seu caráter objetivo; logo não depende essencialmente de esforço. O cristianismo não prossegue a renúncia pela renúncia, mas como expressão do amor (37).

Muito oportuna evocação duma tese clássica: de fato, a sede de prazeres é tal, em nossos tempos que poderia levar alguns espiritualistas exagerados a condenar todo e qualquer prazer. O Padre Tepe acrescenta ótimas observações sobre o sentido, tão fraco em muitos, do domínio (38).

35) Tanqueray, opus citatum, § 471. Tanqueray refere pormenorizadamente o método inaciano.

36) A. Encinas, S. J.: “Ejercicios de S. Ignacio” Sal Terrae, Santander, 1953, pp. 787-97.

37) Tepe, passim pp. 185-203.

38) p. 177

Não são menos úteis as notações do Autor sobre o perigo da perda de identidade espiritual e psíquica dentro da atividade apostólica (39).

O Padre Tepe pensa que "o trabalho febril é, hoje em dia, para a maior parte dos religiosos, penitência mais que suficiente, não raro excessiva" (40). O alcance desta declaração não é absolutamente claro: se se tratar simplesmente de convidar os apóstolos de nossos agitados tempos a não "aplicar indiscriminadamente jejuns, vigílias, disciplinas em organismos depauperados, e sistemas nervosos sobrecarregados" (41) a advertência será muito oportuna. Mas se fôr preciso tomar ao pé da letra a afirmação do Autor, tratar-se-ia duma generalização rápida, indevida, e mesmo perigosa: é precisamente porque os nervos de hoje são mais fracos que os da Idade Média, que as vontades não fortalecidas por uma moderada mortificação aflitiva sucumbem mais facilmente às tentações mesmo ligeiras. Não só a alma, mas ainda o corpo aproveitará duma mortificação discreta, tornando-se mais vigoroso quando tratado mais duramente. Mesmo aquêles que têm uma saúde mais frágil ou muitos trabalhos apostólicos a cumprir podem fazer penitência, contanto que seja duma maneira prudente e adaptada; por exemplo, quem sofrerá danos notáveis substituindo às vezes água simplesmente fresca à água gelada? Uma pequena mortificação aflitiva, assumida com grande e constante caridade, ajudará muito a aduzir a Deus as almas, a do penitente como as outras. Não é o que pareceu pensar o Papa João XXIII citando a resposta do Cura d'Ars a um Padre que se queixava do fracasso da sua atividade apostólica: "O senhor rezou, chorou, gemeu, suspirou. Mas o senhor jejuou, vigiou, dormiu no chão, tomou a disciplina? Enquanto não chegar lá, não acredite ter feito todo o "possível!" (42). E se isso não fôr possível, menores mortificações terão pelo menos a vantagem de não alimentar uma secreta vaidade... Sem elas, o apóstolo não conseguirá conservar a perfeita castidade votada: "a raiz e o fruto da virgindade é uma vida crucificada", dizia São João Crisóstomo (43). Com certeza, o filho espiritual do estigmatizado do Monte Alverne ficará de acordo com isso! Inversamente, concordamos em afirmar que sem um mínimo de brincadeira não há saúde psíquica!

**Sexta tese:** nem o prazer sexual, nem a vida familiar, nem o êxito profissional ou social bastam para conferir sentido inteiro e definitivo à vida humana. Este sentido só se encontra no amor de Deus; os outros amôres não enchem a capacidade do coração humano, "só no Tu infinito

39) p. 178.

40) p. 179.

41) ibidem.

42) Encíclica "Sacerdotii Nostri Primordia", de 1959. A tradução desta frase, na REB, é defeituosa. Não se trata de prostrações no chão, mas de dormir no chão, a "chameunia" dos gregos.

43) citado por Pio XII, na Encíclica "Sacra Virginitas", § 46 da edição dos "Documentos Pontifícios", 107, Vozes.

**serão saciados todos os anseios do coração humano" (44).**

Reciprocamente, "sem fé em Deus, não há possibilidade de encontrar sentido na vida humana... o Eu atrofia-se quando fica trancado... Para o incrédulo, sempre mais aumentam trevas, insegurança e desespero... Sempre mais se trancará no calabouço estreito e escuro do próprio egocentrismo (45).

Noutras palavras, a vida religiosa é uma condição da "extroversão" que condiciona por seu turno a saúde psíquica. Encontramos aqui, pelo menos indiretamente, a posição daqueles psiquiatras americanos que explicam as neuroses assim: o neurótico não soube conferir um sentido a seus sofrimentos, ou, para ser mais exato, não soube descobrir o sentido que estes sofrimentos revestem no conjunto da sua vida. Ora, se não houver sentido da vida sem religião, não é possível integrar o sofrimento na vida psíquica sem vida religiosa. O ateísmo teórico ou prático é fonte de desequilíbrio psíquico. Coisa perfeitamente lógica: espírito criado não pode voltar as costas à Fonte perene de seu sêr e de tôdas as suas atividades, privar-se da sua razão de ser (o conhecimento e o amor de Deus) sem sofrer uma lesão profunda, uma ferida que só a conversão pode remediar.

Mas a possibilidade desta conversão é intimamente ligada com a apresentação da onipotente e benigna misericórdia do Bom Pastor que vai buscar no deserto dos seus pecados a ovelha perdida e, depois de trazê-la sôbre os seus sangrentos ombros, a reintegra no redil único. É porisso que gostaríamos de ver o P. Tepe suprimir algumas linhas, quase uma página (246) de saber existencialista e pessimista que não representa a orientação mais pessoal do seu livro, mas, sim, um tributo indevido às correntes modernas; Sartre talvez, mas não Santo Tomás, diria que "o ato da criação foi renúncia ao poder... Deus se retirou... Existência é saída de Deus: isso explica o estarmos expostos, desprotegidos, ameaçados...", "a existência é um mal porque é forma limitada de ser...". Deus é sempre presente à sua criatura, mesmo depois do pecado; a transcendência de Deus não deve, nunca, fazer esquecer a sua imanência; o cristão sente-se exposto aos raios do Sol da Misericórdia divina, amparado, protegido por Ela, que governa o mundo em que nunca renunciou a fazer reinar o seu amor; a existência mesmo limitada é pura e simplesmente um bem, porque o mal é privação dum sêr ou bem devido, e um sêr ilimitado não era devido a uma criatura, nem possível.

Críticas sôbre pontos secundários e raros deixam sobressair mais ainda a nossa admiração fundamental pelo conjunto do livro do P. Tepe. O Brasil contraiu uma grande dívida para com a benemérita editôra "**Mensageiro da Fé**", de Salvador-Bahia, que publicou o livro, e mais

44) Tepe, opus laudatum, p. 235.

45) ibidem, pp. 243-4.

A sua função não é unicamente de ensinar o caminho a seguir, dos

ainda para com o Autor que não poupou a sua frágil saúde para nos comunicar as luzes recebidas de Deus. Raramente um livro consegue inserir tão bem o Eterno na atualidade, e poucos ajudarão como este numerosas almas na descoberta do secreto "sentido da vida", e, por conseguinte, a atingir o seu equilíbrio psíquico. Em nome de todos os seus leitores, tomo a liberdade de dizer ao Autor: mais livros, Padre Tepe! Vamos mesmo sugerir alguns assuntos, senão títulos:

A Formação da Consciência;

A Arte de confessar e dirigir;

mas mesmo isso não bastaria para satisfazer os nossos desejos, a nossa expectativa: o senhor deve nos dar o tratado de teologia ascética e mística que ainda não possuímos em nenhuma língua, que integraria neste ramo das ciências sagradas os dados da psicologia moderna (não excluindo a caracterologia, que não menciona) e mostrar como estes dados manifestam o sentido profundamente dinâmico e ilustram a riqueza da distinção clássica das "três vias: purgativa, iluminativa e unitiva", silenciadas no seu livro atual. Neste livro que sonhamos, o senhor aprofundaria não só a psicologia passional de Santo Tomás de Aquino, mas ainda o conjunto da sua teologia ascética e mística, sem esquecer o grande São Boaventura. Não seria esta obra o maior serviço que podia prestar, através da Igreja do Brasil, à Igreja universal?

#### *Dados biográficos sobre o P. Frei Valfredo Tepe, O. F. M.:*

Nasceu em 1918, em Münster, na Alemanha ocidental. Chegou ao Brasil em 1935. Estudou a filosofia em Olinda, a teologia na Bahia. Ordenado em 1942. Trabalhou na Bahia de 1942 a 1944. Permaneceu no Ceará de 1944 a 1955, sendo guardião do convento franciscano de Canindé durante três anos (52-55). Nomeado em 1935 "magister clericorum" (padre espiritual) dos jovens franciscanos de Salvador, lá ficou até 1959, como diretor espiritual não só dos jovens estudantes franciscanos, mas ainda dos alunos do Seminário Maior. O Padre Tepe fez um estágio de psicologia no Rio em 1959. Publicou na "Revista eclesialística brasileira" de setembro 1959 um artigo sobre "a psicotécnica a serviço das vocações".

## A IMPORTANCIA DO JARDIM DE INFANCIA NO SISTEMA ESCOLAR CATOLICO

*Mons. Timothy F. O'Leary, Ph. D.*

Já faz tempo que o Jardim de Infância, no pensar dos Educadores significava, apenas, uma sala de brincar, para crianças ainda jovens para serem educadas, porém, com bastante idade para afastarem-se da mãe; era apenas um lugar para passar o tempo sem inconvenientes.

Nos tempos idos, o Jardim de Infância não passava disso. E, se a criança não freqüentasse um jardim, não perdia nada com isso. Nada de importância educacional se julgava necessário ao desenvolvimento da criança no nível de Jardim.

Mas, com o progresso dos métodos em educação, e o maior conhecimento do desenvolvimento e das necessidades da criança, fisiológica e espiritualmente, o conceito de Jardim de Infância mudou e tomou o lugar que lhe cabe no quadro educacional.

Tomemos o significado da denominação "Jardim de Infância". A educadora tem o privilégio de ser a primeira educadora formal a lançar a semente do conhecimento espiritual e intelectual no jardim da alma da criança. Talvez a mãe tenha lançado a primeira semente de espiritualidade, mas a primeira educadora oficial tem uma importância não maior, mas diferente, mais saliente na mente da criança do que a dos pais que eles sempre aceitam naturalmente.

Para levar mais longe a metáfora, podemos sempre considerar cada professor como um jardineiro, lançando as sementes e cuidando das plantas de crescimento mental e espiritual. As tenras plantinhas que a professora do Jardim passa à do primeiro ano primário são transformadas em maiores e mais fortes até que, um dia, o rapaz ou a moça se formem.

Desde que estamos aqui falando do Jardim de Infância no Sistema Escolar Católico, estamos falando da Educação como tal. Creio que todos concordarão comigo que uma das melhores definições de Educação foi dada por Mons. Pacci.

"Educação é o processo social pelo qual, sob a orientação de mentes amadurecidas, e pelo uso de meios adequados, as forças: física, mental, emocional, social e moral do ser imaturo são desenvolvidas; preparando-o para realizar a sua tarefa terrena e para atingir o seu destino eterno, em seguida".



Na Encíclica sôbre a Educação Cristã da Juventude, o Santo Padre Pio XI exprime completamente a finalidade da Educação Cristã, quando diz:

“O fim próprio e imediato da educação cristã é o de cooperar com a ação da graça divina na formação do perfeito e verdadeiro cristão, isto é, na formação do próprio Cristo nos homens regenerados pelo batismo, segundo a viva expressão do Apóstolo: “Filhinhos meus, por quem eu sinto de novo as dores do parto, até que Jesus Cristo se forme em vós”. Na verdade, o verdadeiro cristão deve viver sua vida sobrenatural em Cristo (o Cristo, vossa vida) — disse ainda o Apóstolo — e manifestá-lo em tôdas as suas ações para que também a vida de Jesus se manifeste na nossa carne mortal. Por êsse motivo, a educação cristã abrange a vida humana sob tôdas as suas formas: sensível e espiritual, intelectual e moral, individual, doméstica e social não para diminuí-la em quer que seja, mas, para elevá-la, regulá-la, aperfeiçoá-la segundo os exemplos e a doutrina de Cristo”.

Isto significa ajudar a cada criança a desenvolver um ideal apropriado de personalidade à semelhança de Cristo. Essa educação tem início no comêço da vida — no primeiro ano da vida — e continua à medida que as características de desenvolvimento da criança amadurecem de ano em ano. A hereditariedade estabelece as potencialidades da criança, mas, o ambiente oferece as oportunidades para o desenvolvimento dessas potencialidades, e a força de vontade bem treinada utiliza as oportunidades e realiza as potencialidades.

A melhor idade para o desenvolvimento da criança, física, mental, social e moralmente, é a da criança pré-escolar, dos três aos seis anos. Por êsse motivo, é necessário dar à criança um ambiente ideal no Jardim de Infância Católico, como primeiro degrau para a atmosfera da Escola Primária Católica. O período do Jardim de Infância, pois, é muitíssimo importante para formar e modelar as atitudes mentais, ideais morais e os hábitos sociais tão básicos para o desenvolvimento de uma personalidade ideal.

A sociedade atual, muitas vêzes torna impossível ao lar dar à criança, na idade de jardim de infância, o ambiente desejável e a atenção necessária para o crescimento de desenvolvimento dos dons concedidos por Deus. Quando a criança vem para a escola, ela traz sua alma e seu corpo com tôdas as suas faculdades. O que ela faz e aprende no Jardim terá efeito sôbre sua felicidade eterna com Deus ou sôbre sua perda eterna de Deus e do Céu.

Dos três aos seis anos, os fundamentos da conduta moral e das atitudes morais básicas deveriam estar estabelecidas através do ensino das verdades religiosas e o exemplo da prática dessas verdades pela educadora religiosa e pelos colegas na atmosfera religiosa do Jardim de Infância Católico.

## DEPARTAMENTO DE SERVIÇO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

### VIDA FAMILIAR

*“Sendo a família a fonte em que se recebe a vida, a primeira escola em que se aprende a pensar, o primeiro templo em que se aprende a rezar, é preciso combater tudo o que a destrói ou abala, é preciso louvar e encorajar tudo que favorece sua unidade, estabilidade, fecundidade”. Código de Malines — Artigo 10.*

#### I — Origem

A origem do Código de Malines será melhor compreendida mediante alguns esclarecimentos sobre a União de Malines.

A União de Malines nasceu em 1920, sob a presidência e direção efetiva do Cardeal Mercier, Arcebispo de Malines. Tratava-se de um grêmio internacional, constituído de homens versados nos estudos sociais, experientes na prática e firmes nos princípios cristãos, que uniram suas luzes e esforços no sentido de encontrar soluções orgânicas e coerentes aos problemas cruciantes da época, sobretudo de natureza moral e financeira.

Durante cinco anos a União trabalhou sem alarde, limitando-se a divulgar suas idéias, quase que só pela ação individual de seus membros, sobre os homens capazes de refletir.

Em 1924, entretanto, deliberou o Cardeal Mercier atuar sobre a opinião pública internacional, de uma maneira mais ampla e solene, tornando conhecida a União e publicando os resultados de suas atividades.

Surgiu, assim, a idéia da elaboração de um Código Social que, segundo as palavras do próprio Cardeal Mercier, “seria uma espécie de catecismo destinado aos homens que, absorvidos pela ação, a custo encontram as luzes e convicções de que necessitam... Seria uma síntese social, sob o ponto de vista católico, de feição toda construtiva, assinalando menos os erros a evitar que os princípios positivos a seguir, as tradições a conservar e as reformas e obras a preconizar, de acordo com estes mesmos princípios e tradições”.

Sob a inspiração deste pensamento foi, então, elaborado um esboço do Código Social, objeto de longo e minucioso estudo, na sessão de 1925, presidida pelo próprio Cardeal Mercier. Entretanto, devido à morte deste no ano de 1926, coube ao Cardeal Van Roey, novo presidente da União, orientar os trabalhos no sentido de dar forma definitiva ao Código.

Em começo de 1927 foi, então, editado o Código Social em cujos dispositivos, segundo prefácio de M. Defourny, secretário da União de Malines — a par das idéias cristãs de justiça e de caridade, existe a preocupação — sem menosprezar o valor da iniciativa pessoal e deixando ao Estado a sua esfera legítima — de disciplinar os indivíduos e as nações antes pelos corpos de que fazem parte (associações livres, famílias, profissão, Sociedade das Nações, Igrejas) do que pela ação direta e coercitiva do poder político.

II — *Análise*

O objeto de nossa análise será o Art. 10 do Código Social de Malines, ou seja, o primeiro do Capítulo 1, que se refere à Vida Familiar.

Por vida familiar se entende a vida humana no seio da Família. Sociologicamente falando, sabemos que a Família é o grupo social básico, do qual partem todos os outros.

No verdadeiro grupo social realiza-se constantemente a integração social, isto é, o entrelaçamento mental dos membros do grupo. A felicidade humana para todos, exceto os indivíduos superiores, é o resultado de uma integração social. A vida em grupos, na realidade, não é exclusivamente humana, porquanto a encontramos também nos animais. Por sua vez, a cooperação na vida grupal também não é uma característica puramente humana, pois há outras formas de vida que cooperam na procura de alimento e na proteção mútua. O que é específico do homem é a cooperação inteligente em contraste com a simplesmente instintiva, encontrada em planos inferiores da vida.

Quando falamos em grupo social, nos referimos àqueles grupos não apenas necessários à existência, mas imprescindíveis ao desenvolvimento da personalidade. São aqueles grupos que, por ser o homem um animal rigorosamente social, existem em função desse mesmo homem.

A Família — o primeiro e mais fundamental desses grupos — só poderá ser encarada através do homem para o qual ela existe. Falar em Família implica, necessariamente, em falar no homem.

Com base, portanto, na estreita ligação existente entre Família e o homem é que o Art. 10 do Código Social de Malines — objeto desta análise — pode ser dividido em duas partes distintas:

A primeira parte compreende o que é a Família em face do homem, ou seja: a *relação Família-Homem*.

A segunda parte compreende a atitude do homem em face da Família, ou seja: a *relação Homem-Família*.

## 1 — Relação: Família-Homem

*Sendo a Família...*

Já vimos que a Família é um grupo social. Se bem que o homem, no curso de sua vida, possa pertencer a diversos grupos sociais, a Família se distingue dos demais por ser um grupo social natural, básico fundamental. Por ser, acima de tudo...

*...a fonte em que se recebe a vida....*

Fonte, em sentido figurado, significa origem, princípio. Como fonte a Família é o princípio da vida. Somente através da sociedade biológica formada entre marido e mulher, pode o homem receber a vida. Esta sociedade ou grupo social mínimo — pois é formado apenas de dois sócios — constitui a Família,

Por vida entendemos o maior bem que Deus possa dar à criatura. Em di-

versos planos da natureza encontramos a vida. Entretanto, ao homem esta vida é dada no seu mais alto gráu, pois tem um tríplice aspecto: físico, intelectual e moral. O desenvolvimento e aperfeiçoamento da vida, sob êste tríplice aspecto, será o único meio pelo qual o homem poderá atingir a sua finalidade.

O indivíduo, porém, não se basta a si próprio. Por preciosas que sejam suas faculdades, êle não pode, por si só, conservar sua existência e atingir a perfeição do espírito e do coração. Incumbe à Família — como o primeiro grupo social a que êle pertence — auxiliá-lo e ampará-lo, ao mesmo tempo que o preparando para pertencer aos demais grupos que irão igualmente contribuir para sua completa realização.

Com relação à *vida física*, a Família proporcionará ao homem os meios necessários à conservação e desenvolvimento de seu corpo.

Com relação a *vida intelectual*, a Família sera...

.....a *primeira escola em que se aprende a pensar*.....

Aprender é adquirir conhecimentos. A aquisição de conhecimentos leva necessariamente ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento.

Fornecer ao homem elementos de aperfeiçoamento pessoal é o que se chama educar. Segundo Anísio Teixeira “educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica, mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem”.

Cabe à Família a “primeira educação”. Ela é o primeiro círculo de expansão da vida humana social, o ambiente onde o indivíduo vai adquirir as primeiras noções e vai aprender a formar no espírito idéias, a refletir, a raciocinar. Em suma, é no seio da Família que primeiro aprende o homem a fazer uso das faculdades que o distinguem dos demais seres vivos, faculdades que lhe permitirão levar a um maior gráu de perfeição a vida que, igualmente, lhe foi dada em maior gráu de perfeição.

É esta a contribuição da Família para o desenvolvimento intelectual do homem. A perfeição, porém, também envolve sua vida moral.

Com relação à *vida moral* a Família será ....

.....o *primeiro templo em que se aprende a rezar*....

O homem tem necessidade de procurar uma explicação para os fenômenos do mundo, sua criação, bem como para o problema do após-morte. Sua educação só é completa se fôr orientada para o fim último para o qual foi êle criado. Já vimos que êste fim último é a perfeição, e perfeição é sinônimo de Deus.

Podemos dizer que rezar é pôr em prática a religião. É pela religião que o homem se aproxima de Deus, pois religião é a religação da criatura ao seu Criador. “Religião é — segundo Júlio Maria — o encontro de Deus e do Homem”.

O homem vai a Deus sustentado no seu caminho pelas sociedades naturais. Sendo a Família a primeira destas sociedades à qual êle pertence, constitui ela o primeiro meio de que êle dispõe para atingir seu próprio fim: Deus.

## 2 — Relação: Homem-Família

Vimos que o homem é um animal rigorosamente social. Entretanto, além de ser instintivamente social, o homem é também, racionalmente social. Ele sabe, através do que aprendeu na Família, que lhe é necessário viver em sociedade para melhor se proteger e realizar seus desejos. A sociedade permite-lhe realizar sua finalidade própria, desenvolver suas virtudes e sua capacidade. A sociedade é o caminho que o leva à felicidade.

Assim sendo, portanto, é de todo interesse para o homem preservar, proteger e defender a Família. Essa proteção, essa defesa, ele pode fazer por meio de uma dupla ação: destrutiva e construtiva.

### A) Ação destrutiva

*....é preciso combater tudo o que a destrói ou abala....*

Constitui um plano de ataque. Combater é fazer oposição, é bater-se com o que puder arruinar, desbaratar, fazer desaparecer a Família.

A Família é a instituição básica da Sociedade, é o esteio da Sociedade. Destrui-la seria destruir a própria felicidade do homem. Compete, pois, a este, eliminar tudo o que tende a provocar a desorganização familiar.

Na prática isto significa combater o divórcio, o amor livre, os processos anti-concepcionais, o infanticídio e o aborto, ou seja, o que atenta contra a unidade, a estabilidade e a fecundidade da Família.

Entretanto, o papel desempenhado pela Família na vida do homem é de tal importância que sua proteção implica não no combate ao que a possa destruir, mas até mesmo ao que a possa abalar. É necessária uma proteção ainda mais profunda, pois abalar significa enfraquecer, diminuir a solidês e, conseqüentemente, facilitar a destruição. Citamos, acima, os fatores da destruição da Família, e incluiremos aqui os que contribuem para abalar a sua organização: a imoralidade, tanto nas ruas como nos espetáculos de diversão, a imprensa mal orientada, o alcoolismo, a promiscuidade, o alto padrão de vida, e muitos outros que se vêm multiplicando nos dias que correm.

A verdadeira proteção consiste, entretanto, não só em eliminar o que é nocivo, mas, também, e muito, em fortificar as bases e os alicerces, em aumentar a segurança. Nisto se baseia o homem no que se refere à:

### B) Ação Construtiva

*....é preciso louvar e encorajar tudo o que favorece sua unidade, estabilidade, fecundidade.*

Constitui um plano de defesa. Por louvar entendemos glorificar, aprovar, aplaudir, dar apoio. Encorajar é animar, estimular. Com relação à Família, consiste em incentivar uma vida familiar sadia, com sua aceitação de responsabilidade e de sacrifícios.

A Família, como todo grupo social, é um meio para que o homem atinja seu fim. Cada grupo social, por sua vez, tem um fim e só existe enquanto existir êsse fim. A finalidade da Família é manter e desenvolver a vida até à perfeição,

## A C.R.B. DECLARADA DE UTILIDADE PÚBLICA

DECRETO N.º 48.002 — de 5 de Abril de 1960

Declara de utilidade pública a Conferência dos Religiosos do Brasil.

*O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, n.º 1, da Constituição Federal, e atendendo ao que consta do Processo M.J.N.I. — 44.425, de 1959, decreta:*

*Artigo único. É declarada de utilidade pública, nos termos do art. 1.º da Lei n.º 91, de 28 de agosto de 1935, a Conferência dos Religiosos do Brasil, com sede no Distrito Federal.*

*Rio de Janeiro, em 5 de abril de 1960; 139.º da Independência e 72.º da República.*

JUSCELINO KUBITSCHEK

Armando Ribeiro Falcão

(Transcrito do Diário Oficial, a. XCIX, N.º 95 — 27-4-1960).

e perpetuar a espécie humana. A Família só atingirá sua finalidade e, conseqüentemente, só terá sua existência assegurada, enquanto forem preservados os três elementos básicos que a constituem:

- *Unidade* — É a harmonia de conjunto; é um fator indispensável à Família porque a multiplicidade compromete a obra iniciada. Sem unidade seria prejudicada a qualidade da educação dada numa família única.
- *Estabilidade* — Igualmente indispensável em conseqüência do tempo necessário para a obra educativa que cabe à Família e que dela exige duradoura colaboração.
- *Fecundidade* — Enquanto a unidade e a estabilidade contribuem de modo mais direto para que a Família possa manter e desenvolver a vida até a perfeição, a fecundidade é o meio pelo qual lhe será possível perpetuar a espécie humana.

Favorecendo, portanto, a unidade, a estabilidade e a fecundidade da Família o homem contribui, de modo decisivo, para que a Família preencha sua finalidade, isto é, seja “a fonte em que receba a vida, a primeira escola em que se aprende a pensar, o primeiro templo em que se aprende a orar”.

Trabalho feito por Maria das Dores Ribeiro de Figueiredo e Castro, quando aluna da Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

## CORRESPONDÊNCIA DAS SECÇÕES ESTADUAIS

### *Vitória — Relatório do Curso Superior de Religião "Pio XII"*

Aos 7 de março de 1959, achando-se presentes o Revmo. Pe. Luís Fuchs, representante de S. Excia. Revma. D. João Batista da Mota e Albuquerque, DD. Arcebispo de Vitória, o Revmo. Pe. Mateus Panizza, Presidente da Secção Estadual da CRB, Revmo. Pe. Augusto Duarte Cabral SDB, e várias Religiosas, foi oficialmente reaberto o Curso Superior de Religião "Pio XII".

A sessão constou do seguinte: "Pio XII", soneto de Dom Marcos Barbosa, declamado pela Catequista Maria de Lourdes dos Santos; palavras do Revmo. Padre Panizza; apresentação dos Professôres: P. Mateus (Liturgia), Pe. Valentim Cricco (Dogmática), Pe. Augusto Duarte Cabral (Moral), Irmã Letícia Pinheiro F. d. C. (Pedagogia catequética); apresentação das alunas; música, por Laila Moysés; discurso do Prof. Wilson Aragão; alocação pelo Revmo. Mons. Luís Fuchs, DD. Vigário Geral.

A primeira aula teve início a 14 do mesmo mês, em uma das salas do Colégio N. Sra. Auxiliadora, cedida pela Diretora Irmã Almeida.

Das 52 matriculadas, 19 desistiram.

A Diretoria do Curso, em comemoração ao dia das Mães, ofereceu às alunas casadas uma pequena lembrança.

As primeiras provas parciais foram iniciadas a 13 de junho, terminando a dia 27. Em julho houve férias, e as aulas reabriram no 1.º sábado de agosto. Nos meses seguintes as aulas foram ministradas regularmente. As provas finais foram realizadas durante o mês de novembro.

No último dia de provas a catequista Joviana Bastos agradeceu aos Professôres em nome de todas as alunas e, como prova de gratidão pelo zelo e dedicação dos mesmos durante o ano letivo, ofereceu-lhes algumas lembranças.

No primeiro domingo de dezembro deu-se o encerramento com a entrega dos certificados de aproveitamento. O Presidente da Secção Estadual celebrou missa às 16 horas. Às 17 horas, no auditório do Colégio, teve lugar a sessão solene, presidida pelo Revmo. Pe. Irineu Neves, Diretor do Ensino Religioso, que representava o Sr. Arcebispo. Constou do seguinte programa: Abertura da sessão, Hino Pontifício, Discurso da oradora (Nair Nery do Rosário), Música (Joviana de Aguiar Bastos), Discurso do Paraninfo, Pe. Augusto Cabral, Canto (Arléa Musso Leal), Entrega dos certificados, Hino das Catequistas.

Durante o ano letivo de 1959 foram dadas: 20 aulas de teologia moral, 19 de teologia dogmática, 11 de liturgia e 13 de pedagogia catequética.

Assim terminou mais um ano do Curso Superior de Religião Pio XII, com a entrega de 33 certificados às novas Catequistas que desejam ardentemente brilhar como as estrelas do firmamento, segundo Daniel (13,3), pensamento este impresso na imagem distribuída no dia da formatura. Professôres e alunas lembram saudosos os dias felizes que passaram na procura do Divino Mestre, pelo estudo e pelo sacrifício. Ótimas impressões deixou o curso, provando que não foram baldados os esforços e sacrifícios feitos em favor do mesmo.

## CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

### *Um Centenário e uma Fundação*

Aos 15 de abril do c.a. transcorreu o 1.º centenário do falecimento de Ana Lapini, fundadora das Pobres Filhas dos Estigmas de São Francisco de Assis, conhecidas comumente como "Franciscanas Estigmatinas".

Agora, depois de cem anos da morte da fundadora, aos 14 de março do c.a. as primeiras cinco religiosas dêste Instituto desembarcaram no pôrto de Santos, para atender ao pedido do Hospital Santa Luzia, na cidade paulista de Duartina, Arquidiocese de Botucatu, fundando assim a primeira casa do Instituto no Brasil.

Irmã Ana Maria Fiorelli Lapini nasceu em Florença (Itália) no dia 27 de maio de 1809. Cheia de carismas divinos quis dedicar-se ao estado religioso, mas, para obedecer aos pais e ao próprio Diretor espiritual, casou-se em 1833 com João Lapini. Ficou viúva depois de nove anos de vida matrimonial; resolveu então consagrar-se inteiramente à causa de Deus, dedicando-se à oração e à prática da caridade, de modo particular na assistência às meninas pobres e desamparadas. Neste apostolado juntaram-se a ela algumas amigas, que, pertencendo tôdas à Ordem Terceira de São Francisco de Assis, receberam a bênção do Arcebispo de Florêça, Dom Fernando Minucci, com a licença de vestirem o hábito franciscano, em maio de 1950. Obtida a aprovação diocesana o novo Instituto abriu novas casas e, aos 15 de abril de 1860, quando a Madre fundadora morreu, o Instituto contava já com 37 casas religiosas.

Além da aprovação e a bênção dos Exmos. Bispos Diocesanos, onde trabalhavam as Irmãs Franciscanas Estigmatinas, o Instituto alcançou em 23 de julho de 1855, ainda em vida a Madre Fundadora, o Decretum Laudis da Santa Sé. Em 29 de agosto de 1864 obteve a primeira aprovação das Constituições e, aos 19 de setembro de 1888, a aprovação definitiva do Instituto, passando a ser de Direito Pontifício. Atualmente o Instituto conta com 120 casas e 1254 religiosas.

O Instituto, além das casas na Itália, possuía uma florescente província na Albânia, destruída por completo pelo regime comunista que subentrou naquele país em 1944.

Esta casa fundada no Brasil (Hospital Santa Luzia — Duartina (SP), é a primeira que o Instituto abre na América do Sul. Pelas necessidades do Brasil vamos esperar que possam chegar mais religiosas, tanto para as obras assistenciais quanto para novas casas de formação de religiosas brasileiras.

(Pe. Frei Aurélio Di Falco da Conceição O.F.M.)

### *Religiosas Brasileiras em Roma*

Segundo informação do Movimento Mundo Melhor, aos 27 de dezembro de 1959 reuniram-se no Colégio Pio Brasileiro as religiosas brasileiras que moram atualmente em Roma. Vieram também outras que por muitos anos trabalharam no Brasil.



Participaram da reunião o Revm. Pe. Reitor do Colégio, que saudou inicialmente os presentes com breves palavras; os seminaristas do Pio Brasileiro, que apresentaram números de Orquestra; Pe. Muller, orientador da reunião, e 20 religiosas de diversas congregações.

Irmã Maria Thereza, das Missionárias de Jesus Crucificado, atualmente trabalhando no M.M.M., leu o elenco das Congregações que têm Irmãs em Roma, para verificar as presentes, e solicitou de cada uma algumas palavras referentes ao trabalho realizado na Cidade Eterna, ao tempo desde sua saída do Brasil, etc., para que todos pudessem melhor se conhecer mutuamente. Agradeceu em nome de todas a oportunidade da reunião, proporcionada pela Direção do Seminário.

A parte de distrações da reunião esteve por conta de um Padre Carmelita da Bahia, que apresentou números de mágica. Pe. Oscar Mueller, diretor espiritual do Colégio, esboçou um plano a ser estabelecido para as reuniões futuras, anunciando a primeira, que seria realizada aos 14 de fevereiro, na casa do Movimento para um Mundo Melhor.

São as seguintes as Congregações e Institutos que têm religiosas em Roma, conforme foi possível constatar:

Instituto Imaculado Coração de Maria (Piazza Vulture 15); Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã (Via Cassia 870), com as Irmãs: M. Ivone Erbes, M. Diethilde, M. Ângela, M. Natércia, M. Teresiana e M. Lumina; Filhas dos S. Coração de Jesus (via dei Villini 34); Cônegas de Santo Agostinho (via della Camilluccia 567); Irmãs de Santa Dorotéia da B. Paula Frassinetti (Salita Santo Onofrio 34 e Via Matera 18); Filhas de Jesus (via Lucilia 16) com Irmã Wilma Moreira da Silva; Irmãs Ursulinas (via Nomentana 236); Irmãs de São José (via Calandrelli 9) com as Irmãs M. Sainte Odile Arnaud, M. Catarina dos Anjos Rigon; Irmãs do Cenáculo (Via della Balduina, 260); Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria (via Giusti 12); Irmãs da Imaculada Conceição de N. Sra. de Lourdes (via Pineta Sacchetti 4); Irmãs do S. Coração de Maria (via Nomentana 355); Missionárias Zeladoras do S. Coração (via German Someiller 38); Irmãs Oblatas do Espírito Santo (via Silvestre II, 10); Irmãs de N. Senhora (via Camilluccia 687 e via Como 4); Religiosas do SSmo. Sacramento (via dei Riari 41); Irmãs de Santa Catarina (via Provinciale, 1 — Grotta Ferrata) com as Irmãs Maria Stela e Maria Camila; Clarissas Franciscanas Missionárias do SSmo. Sacramento (Via Vincenza); Franciscanas Missionárias de Malta (via Iberia 5); Irmãs Escolásticas (via Appia Nuova); Irmãs do Calvário (via Emanuele Filiberto 104) com as Irmãs Maria Leônia, Maria Natália, M. Giuditta, M. Lauretana, M. Rosária, M. Consolína, M. Apolônia, M. Teodósia, M. Eufrosina, M. Adriana e M. Lúcia Rocha; Pequenas Irmãs de Jesus (via Laurentina 473 e via Francesco di Sales).

#### *Jubileu de ouro da Prelazia de Tefé (AM)*

No dia 15 de maio de 1910, Tefé foi elevada a sede de novo território eclesiástico, confiado como missão aos Padres do Espírito Santo, que estavam já

trabalhando ali desde 1897.

Viajando pelo rio Solimões, Tefé fica a uma distância de 663 Km. de Manaus, sendo o coração de todo este interior. A nova Prefeitura Apostólica abrangia neste tempo o único município de Tefé com três mil Km. de rios, se estendendo pelo Japurá até à Bolívia, pelo Jutai até ao Território do Acre, e pelo Juruá até ao município de São Felipe (hoje Eurenepé). Os Padres franceses deste tempo tinham duas paróquias: Tefé e Fonte Boa, e uma bem conceituada escola profissional em Boca de Tefé. Os primeiros mapas geográficos destes rios, como também gramáticas e pequenos dicionários, foram elaborados por estes Padres, e formaram na Europa, nas edições de sociedades geográficas, a primeira revelação científica sobre este misterioso interior.

Dois anos depois, o Sr. Arcebispo de Manaus alargou ainda este território, confiando aos Padres do Espírito Santo o Alto Juruá com os seus afluentes até inclusive Cruzeiro do Sul. Esta parte porém foi confiada à província alemã da mesma Congregação, quando foi elevada a Prelazia em 1931.

Depois da última guerra, Tefé passou aos cuidados da província holandesa da Congregação, e foi elevada ao grau de Prelazia no ano de 1950. Dom Joaquim de Lange, o atual Prelado-Bispo, tem 5 paróquias e 2 curatos, onde trabalham 15 Padres da Congregação e um Padre secular, ordenado o ano passado, e 7 Irmãs. Para substituir quanto antes o pessoal estrangeiro, o seminário de Tefé não basta. Por isso foi fundado em 1954 um seminário menor da Congregação em Itauna (Minas Gerais), que espera entregar no fim deste ano a primeira turma de 7 seminaristas ao noviciado.

### COMUNICAÇÕES

*III Curso de Jornalismo para Religiosos.* — De 11 a 23 de julho realizar-se-á em São Paulo o 3.º Curso de Jornalismo para Religiosos, sob os auspícios da Escola de Jornalismo Gaspero Libero. As conferências e palestras terão lugar na própria Escola de Jornalismo (Rua Gaspero Libero, 58 — 8.º and.). As inscrições devem ser feitas o mais tardar até 15 de junho, no Rio de Janeiro, na sede central da C.R.B., ou em São Paulo, na sede daquela Seção Estadual, à Rua Wenceslau Braz, 78 — Salas 512-514. Taxa de inscrição Cr\$ 600.00.

*Semana de Estudo de Canto Gregoriano.* — Organizada e dirigida pelo "Instituto Pio X do Rio de Janeiro", será realizada a 16a. Semana de Estudo de Canto Gregoriano, de 18 a 29 de julho. Local de reunião o Colégio Santo Amaro, à rua 19 de fevereiro, 172 — Rio de Janeiro (Botafogo). As matrículas ficam abertas até 12 de julho, na sede do Instituto, a Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo (Tel. 26-1822).

*Retiro para Religiosas* — O próximo retiro para Religiosas será realizado na Casa Arquidiocesana de Retiros Femininos "Nossa Senhora do Cenáculo", à Rua Pereira da Silva, 135 — Rio de Janeiro (Laranjeiras), sendo pregador um Padre Jesuíta. Abertura no dia 5 de julho, à tarde, e encerramento no dia 14, às 7 horas, com celebração da Santa Missa.

*Curso para Secretários* — Está sendo preparado para o mês de setembro um curso intensivo de 10 dias para secretários provinciais de Institutos masculinos e femininos. O curso, que é organizado pelo Departamento de Estatística da C.R.B., será eminentemente prático, com exercícios e estágios no próprio Departamento de Estatística, e abrangerá a organização da secretaria e arquivo provincial, estatística escolar e vocacional. O curso será ministrado de tal forma que o Secretário provincial poderá orientar, por sua vez, a organização da secretaria e arquivo das casas da Província.

## BIBLIOGRAFIA

Pe. José Maria S.V.D. **PRESENÇA DE CRISTO** — Vol. II — AS EPISTOLAS. Juiz de Fora, Editôra "Lar Católico, 1960. (12) 212 pgs.

O escritor que já compusera um primeiro volume de meditações, sob aquele título, tratando dos Evangelhos das Domingas do ano litúrgico, apresenta-nos agora um segundo volume, desta vez referindo-se às Epístolas dominicais.

Em forma simples, contudo precisa, o Pe. José Maria, sem esgotar o assunto, tece considerações oportunas sobre o texto que é em primeiro lugar transcrito. Tece os comentários dividindo-os em duas partes, como geralmente é hábito no gêne-

ro; prólogo, dois ou três pontos, epílogo. Sômente na domingo de Sexagésima deixou de seguir o método e discorreu, simplesmente sobre a matéria; é que a própria epístola quase dispensa todo comentário.

Dirigem-se tais meditações a religiosos e religiosas, como aos fiéis piedosos.

Bem haja o autor por mais esta colaboração na santificação das almas, e parabens à Editôra pela bela apresentação do livro. I.J.D.

José S. Sanseverino. **DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. Pôrto Alegre, Edições Paulinas, 1960. 112 pgs.

Opúsculo que não vai além de 112 páginas, mas valiosíssimo por seu conteúdo.

Com uma clareza e profundidade próprias de um verdadeiro professor universitário que é, o autor expõe o atual debate sobre o Projeto de Diretrizes e Bases da Educação, de tal modo que não restam mais dúvidas sobre o assunto a quem se der conta deste trabalho.

É mais uma valiosa colaboração

a integrar o movimento esclarecedor, quanto às razões porque somos em geral pela aprovação do citado projeto, embora lhe reconheçamos deficiências graves.

Firme na doutrina, equilibrado na interpretação, cavalheiro nas referências pessoais. É uma voz serena e autorizada a fazer-se ouvir numa batalha desvairada por preconceitos e interesses. Ouçamo-la que bem o merece. I.J.D.

Pe. José Maria S.V.D. **PRESENÇA DE MARIA** — REFLEXÕES PARA O MÊS DE MAIO. Juiz de Fora, Editôra "Lar Católico", 1960. 166 pgs.

Arthur de Castro Borges. **VIDA DO PADRE ANCHIETA**. Petrópolis, Edit. Vozes Ltda., 1959. 96 pgs. com ils.

Ofélia e Narbal Fontes. **PRECISA-SE DE UM REI**. Petrópolis, Edit. Vozes Ltda., 1959. 112 pgs. com ils.

Sérgio Muniz de Souza. **DELINQUÊNCIA INFANTIL** (Coleção "Temas Atuais"). Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1959 168 pgs.

Dom Estêvão Bettencourt O.S.B. **PARA ENTENDER OS EVANGELHOS**. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editôra, 1960. 364 pgs.

---

Nihil Obstat

Rio de Janeiro, 19 de maio de 1960

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo OFMCap.

Censor Eclesiástico